



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGÜÍSTICA

JOCILENE PEREIRA LIMA

**UMA HISTÓRIA DOS COMPÊNDIOS DIDÁTICOS *TESOURO DE MENINOS E
TESOURO DE MENINAS* NO BRASIL**

João Pessoa

2013

JOCILENE PEREIRA LIMA

**UMA HISTÓRIA DOS COMPÊNDIOS DIDÁTICOS *TESOURO DE MENINOS E
TESOURO DE MENINAS* NO BRASIL**

DISSERTAÇÃO apresentada ao
Programa de Pós-Graduação em
Linguística, Área de Concentração
“Linguística e Práticas Sociais”, Linha
de Pesquisa “Discurso e Sociedade”, da
Universidade Federal da Paraíba como
requisito institucional para a obtenção do
título de MESTRE.

ORIENTADORA: Prof^ª. Dra. Maria Ester Vieira de Sousa.

João Pessoa

2013

L732u Lima, Jocilene Pereira.
 Uma história dos compêndios didáticos Tesouro de Meninos e
 Tesouro de Meninas no Brasil / Jocilene Pereira Lima.- João Pessoa,
 2013.
 86f. : il.
 Orientadora: Maria Ester Vieira de Sousa
 Dissertação (Mestrado) – UFPB/CCHLA
 1. Linguística. 2. Compêndios didáticos - circulação. 3. Elementos
 textuais. 4. Elementos pré-textuais. 5. Autores/compiladores.

UFPB/BC

CDU: 801(043)

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA

BANCA EXAMINADORA

Prof^ª. Dra. Maria Ester Vieira de Sousa
(Orientadora/Presidente).

(Examinadora Externa – Prof^ª. Dra. Fabiana Sena da Silva - PPGE/UFPB).

(Examinadora Interna – Prof^ª. Dra. Socorro de Fátima Pacífico
Barbosa/UFPB).

João Pessoa, 21/03/2013.

Dedico esta dissertação aos meus pais (João de Moura Lima e Josinete Pereira Lima) porque foram responsáveis pela minha educação, como também aos professores que foram responsáveis pela minha instrução ao longo da minha vida escolar/acadêmica.

AGRADECIMENTOS

- A Deus pelo dom da vida e suas benesses;
- À Maria Santíssima pelas bênçãos derramadas ao longo da vida;
- Ao meu pai (João de Moura Lima) e a minha mãe (Josinete Pereira Lima), porque o amor de mãe e pai é único! Os meus pais mesmo não tendo galgado um curso superior, proporcionaram isso para mim e minhas irmãs;
- À minha irmã – Jacinete Pereira Lima (Netinha) e Josilene Pereira Lima (Lene) que são exemplos de orgulho, coragem e determinação para mim;
- Aos familiares mais distantes e meus amigos/familiares mais próximos: Madrinha Elza e Padrinho Deca e seus filhos (a) (Sinara, Cynthia, Lau, Ane e Sérgio), que sempre estiveram bem próximos da minha luta diária;
- A todos os professores (as) que foram essenciais ao longo da minha vida escolar/acadêmica, porque quando me faltava estímulo em casa, eu procurei na escola e posso afirmar que tive professores (as) muito dedicados (as) ao longo da minha trajetória no ensino público;
- À minha orientadora Professora Maria Ester Vieira de Sousa que soube extrair o melhor de mim neste processo dissertativo, sendo calma, paciente e profissional. Tenho um carinho enorme!
- À Professora Socorro pelas lições, tanto no âmbito profissional como pessoal, ela é um exemplo de professora. Agradeço também pelas leituras realizadas de forma minuciosa e perceptível em meus trabalhos;
- Aos professores que contribuíram com esta dissertação. Deixo registrado a participação no ESPEA, 2012: Márcia Abreu, Roger Chartier, Ana Cláudia Suriane e Tania de Luca;
- Aos amigos (as) pela AMIZADE: Raquel Monteiro pela confiança e encorajamento no dia a dia (nós compartilhamos muitas histórias e realizamos muitas leituras...); Patrício Borges pelas conversas que ajudaram tanto a refletir; Dennise Vasconcelos pelo ânimo nas horas difíceis, Nídia pelo estímulo de coragem e de garra; Dany Inô pelas conversas travadas sobre a história da leitura e a leitura minuciosa deste trabalho; Priscila Six pelas oportunidades apresentadas; Karla Janaína pela alegria; Virna Lúcia pela calma demonstrada

em muitos acontecimentos; Jailto Filho pelo carinho demonstrado... Ou, por apenas serem amigos....;

- Aos amigos do SENAI (Josicleide Nunes, Aldo Cruz) que abriram oportunidades para mim;
- Aos amigos profissionais: Régia Pereira, Gustavo, Rossana Figueiredo, porque eles mostraram que é possível viver bem consigo e com o outro;
- À minha instituição de ensino – Universidade Federal da Paraíba (UFPB) e o meu Programa de Pós Graduação em Linguística (PROLING), professores, colegas de curso e funcionários (Tia Solange, Ronil e Débora Chaves);
- À concessão de bolsa do REUNI, porque tive a oportunidade de compartilhar em dois anos minhas experiências com os alunos da Graduação em Letras;
- A todos os alunos que compartilharam comigo a experiência da sala de aula. É muito bom ensinar e aprender;
- Ao Acervo da Fundação Biblioteca Nacional – Brasil em que pesquisei e constatee a materialidade dos compêndios *Tesouro de Meninos*;
- Ao Acervo do Gabinete de Leitura – Brasil em que também pesquisei e constatee a materialidade dos compêndios *Tesouro de Meninas* e *Tesouro de Meninos* (edição anterior à estudada), bem como a consulta aos dicionários;

“Tudo posso Naquele que me conforta”. (Fl. 4, 13)

RESUMO

Nesta dissertação, tomamos como *corpus* de estudo os compêndios didáticos *Tesouro de Meninos* e *Tesouro de Meninas*, objetivando especificamente investigar a circulação dos compêndios franceses em território brasileiro a partir de indícios dos documentos instituídos, bem como analisar a temática abordada, o modo de apresentação dessa temática (diálogos) e os elementos pré-textuais (capa, prefácio, dedicatória, sumário e prólogos de leitura), em diferentes edições, a fim de identificar aspectos que apontem para a formação de um leitor infantil. Para alcançar nossos objetivos propostos, seguimos uma abordagem de pesquisa bibliográfica e documental. Para a primeira, tomamos como fundamentação teórica as investigações acerca da História da Leitura entendida enquanto prática social e cultural. Enquanto para a segunda, voltamo-nos para pesquisas realizadas no Real Gabinete de Leitura Português e a na Biblioteca Nacional, em 2011 e 2012. Além disso, registramos o percurso na internet para encontrarmos versões integrais das obras. A pesquisa revelou os seguintes fatos: os compêndios didáticos, em geral, oriundos da França, tiveram um papel essencial na formação do leitor, sendo indicados para o ensino pelas autoridades, bem como citados em outras fontes de pesquisa: catálogos de livrarias, bibliotecas e jornais, apresentando, portanto, outras formas de apropriação desses impressos. Quanto à forma de apresentação dos conteúdos, percebemos a recorrência à tradição dos diálogos e às temáticas abordadas como moral, virtude e civilidade, comuns também em outros livros anteriores aos compêndios estudados. Sendo assim, a garantia de que a formação do leitor seria realizada a partir dos moldes que a sociedade da época previa, dava-se pelos discursos das autoridades, bem como pelo direcionamento apresentado pelos autores dos compêndios.

Palavras-chave: circulação, elementos textuais, elementos pré-textuais, compêndios didáticos, autores/compiladores; *Tesouro de Meninos*, *Tesouro de Meninas*.

ABSTRACT

This dissertation had as study *corpus* the didactic compendia *Tesouro de Meninos* and *Tesouro de Meninas* aiming at investigating specifically the circulation of French compendia in Brazilian territory from traces of instituted documents as well as analyzing the studied theme, its way of presentation (dialogues) and the pre-textual elements (book cover, preface, dedication, summary and reading prologues) in different editions with the purpose to identify the formation of an infantile reader. For attaining our objectives, an approach of bibliographic and documental research was carried out. For the first one, the theoretical fundamentals were based on investigations about Reading History understood as social and cultural practice. Whereas, for the second one, the emphasis was on pieces of research accomplished in the *Real Gabinete de Leitura Português* (Royal Portuguese Office of Reading) and in the *Biblioteca Nacional* (National Library), in 2011 and 2012. Furthermore, the internet search for finding integral versions of the works was registered. The research revealed the following facts: the didactic compendia, in general, originated from France, had an essential role concerning the reader's formation, being indicated for teaching by the authorities, and also mentioned in other sources of research, such as bookstore catalogs, libraries and newspapers, presenting, therefore, other appropriation ways of these printings. With reference to content presentation, it was perceived the recurrence of the tradition of dialogs and themes focusing on moral, virtue and civility also usual in other books previous to the studied compendia. In this way, the guarantee that the reader's formation would be fulfilled from the conceptions that the society of that era anticipated, it occurred by means of the authorities' discourses as well as by the directions presented by the authors of the compendia.

Keywords: circulation, textual elements, pre-textual elements, didactic compendia, authors/compilers; *Tesouro de Meninos*, *Tesouro de Meninas*.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES E TABELA

Figura 1: Índice do compêndio <i>Thesouro de Meninos</i>	31
Figura 2: Capa de <i>Thesouro de Meninos</i> da edição de 1832.....	44
Figura 3: Capa de <i>Thesouro de Meninos</i> da edição de 1851.....	48
Figura 4: Capa de <i>Thesouro de Meninos</i> da edição de 1881.....	50
Figura 5: Capa de <i>Thesouro de Meninos</i> da edição de 1902.....	52
Figura 6: Ficha catalográfica da <i>Thesouro de Meninas</i> , 1861.....	60
Figura 7: Dados da obra <i>Thesouro de Meninas</i> , 1838.	61
Figura 8: Capa de <i>Thesouro de Meninas</i> da edição de 1846.....	62
Figura 9: Capa de <i>Tesouro de Meninas</i> da edição de 2008.....	64
Tabela 1: Conteúdos de Ensino para a Escola Primária durante o Império Brasileiro ...	32
Tabela 2: Tabela para as classes de leitura nas aulas de ensino-mútuo	34

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	13
1 CAPÍTULO: OS COMPÊNDIOS <i>TESOURO DE MENINOS</i> E <i>TESOURO DE MENINAS</i> : DESCRIÇÃO, CIRCULAÇÃO E SUA RELAÇÃO COM OS CONTEÚDOS DE ENSINO NO BRASIL DO SÉCULO XIX	19
1.1 Sobre os compêndios: descrição geral	19
1.2 A circulação desses compêndios no Brasil.....	24
1.3 Os compêndios <i>Tesouro de Meninos</i> e <i>Tesouro de Meninas</i> e os conteúdos escolares	28
2 CAPÍTULO: OS ELEMENTOS PRÉ-TEXTUAIS: CAPAS, SUMÁRIOS, DEDICATÓRIAS E PRÓLOGOS DE LEITURA ENQUANTO LUGARES DE INFORMAÇÕES SOBRE A FORMAÇÃO DO LEITOR.....	42
2.1 Compêndio <i>Tesouro de Meninos</i>	43
2.2 Compêndio <i>Tesouro de Meninas</i>	60
3 CAPÍTULO: OS ELEMENTOS TEXTUAIS: LUGARES DE CONFIGURAÇÕES E CONSTITUIÇÃO DE LEITORES.....	69
3.1 A temática dos compêndios: moral, virtude e civilidade	69
3.2 Os diálogos: o fio condutor das narrativas dos compêndios.....	76
CONCLUSÃO	80
REFERÊNCIAS.....	83

INTRODUÇÃO

Para discorrer acerca da história do livro escolar, tomando, inclusive, como ponto de observação, diferentes edições desse livro, é preciso considerar que essa temática relaciona-se diretamente com a história da leitura. Nesse sentido, convém iniciar mencionando que, em nossa sociedade, a leitura esteve sempre associada a um viés positivo e a outro negativo. Abreu (1999) discute que essa dupla faceta pode ser observada desde o século XVIII e perpassa os dias atuais. A positividade da leitura é associada aos “[...] mais variados benefícios: tornar os sujeitos mais cultos e, por consequência, mais críticos, mais cidadãos, mais verdadeiros” (ABREU, 1999, p.10). No outro extremo, pensando, especificamente, durante o século XVIII, a leitura era considerada uma prática que oferecia “[...] perigo para a saúde, pois o esforço continuado de inteligência de um texto prejudicaria os olhos, o cérebro, os nervos e o estômago”. Em relação a alguns gêneros, a exemplo do romance, outros perigos eram mencionados: “[...] maior cuidado inspiravam as leituras que apresentavam perigos para a alma, aquelas que colocavam em risco a moral” (ABREU, 1999, p.10 e 11).

Além dessas questões valorativas sobre a leitura, é necessário considerarmos o percurso que segue de perto a proposição apresentada por Chartier (1999), segundo a qual a história dos textos nas suas formas materiais e discursivas pode ser pensada a partir de três polos:

[...] de um lado, a análise de textos, sejam eles canônicos ou profanos, decifrados nas suas estruturas, nos seus objetivos, em suas pretensões; de outro lado, a história do livro, além de todos os objetos e de todas as formas que toma o escrito; finalmente, o estudo das práticas que se apossam de maneira diversa desses objetos ou de suas formas, produzindo usos e significações diferenciados. (CHARTIER, 1999, p.12)

No que se refere à *história do livro*, conforme aponta Chartier (1999), esse é um tema que apresenta um número considerável de pesquisas, quando pensamos no contexto brasileiro. Dentre as pesquisas que tomam como objeto de estudo especificamente o livro didático, em diferentes períodos históricos, podemos citar Bittercourt (1993), Zilberman e Lajolo (1998), Augusti (1998), Sena (2008) e Galvão (2009), para mencionar alguns exemplos. Se há um reconhecimento de um número considerável de pesquisas que tratam do livro didático, considerando, dentre outros

aspectos, sua história e circulação no Brasil, por que então se justifica mais uma pesquisa que o toma como objeto de estudo?

Considerando especificamente os textos que circulam no interior da escola, notadamente através dos compêndios didáticos, concordamos com Zilberman e Lajolo (1998) quando afirmam:

Livros escolares são fonte insubstituível para qualquer história da leitura: não só porque, por hipótese, tais livros são instrumento sistemático para a formação de leitores, mas porque são também documento privilegiado para uma história da educação e da escola com a qual necessariamente se cruza a história social da leitura. E também a da literatura. (ZILBERMAN e LAJOLO, 1998, p.310).

Além disso, também justificaremos o nosso objeto de estudo a partir de nossa experiência anterior como bolsista de Iniciação Científica (PIBIC/CNPq/UFPB) em um projeto que tinha como foco os livros didáticos no século XIX. Durante a Graduação em Letras Vernáculas, participamos, nos anos de 2007 a 2009, do projeto intitulado: *Uma história da leitura: os livros didáticos na Paraíba no Segundo Reinado*, coordenado pela Professora Socorro de Fátima Pacífico Barbosa. Como o título indica, esse projeto buscava investigar a circulação de livros didáticos na província paraibana durante o segundo período do império brasileiro. Foi a partir dessas investigações que tivemos o primeiro contato com os livros *Tesouro de Meninos* e *Tesouro de Meninas*, que circularam aqui no Brasil no século XIX, precisamente, no período imperial, como revelam os relatos dos responsáveis pela instrução pública daquela província no período investigado.

Nessas pesquisas, evidenciamos a circulação das obras, por meio de diferentes fontes: relatórios dos presidentes da província paraibana, a *Tabela para as classes de leitura nas aulas de ensino-mútuo* e o jornal *Regeneração*¹. Tais fontes diversas dão indícios de circulação das obras em um contexto institucional e não institucional, teoricamente. Contudo, quanto à circulação no âmbito escolar, ficam algumas lacunas: as obras eram utilizadas pelos professores ou pelos alunos? Houve a utilização de fato das obras na escola? Sobre a primeira pergunta, podemos supor que o destinatário do compêndio era o professor, tendo em vista a pouca quantidade de volumes enviados/remetidos. Quanto ao efetivo uso das obras, não temos indícios que revelem

¹ As referências feitas aos relatórios dos Presidentes da Província Paraibana e os jornais durante o século XIX são fontes que utilizamos durante o Projeto de Iniciação Científica. Sena (2008) também utiliza essas fontes de pesquisa.

esses dados. Porém, sabemos que a destinação era para a instituição escola, como as fontes revelam.

Sena (2008), ao tomar como objeto de estudo, dentre outros compêndios, *Tesouro de Meninos* e *Tesouro de Meninas*, analisa esses compêndios sob o prisma de uma tradição da civilidade, mostrando-nos que eles também foram responsáveis pela implementação do conceito de civilidade, oriundo dos modelos europeus, no Brasil entre os períodos do Império e República. Augusti (1998) apresenta uma cronologia de obras que circularam durante o século XIX no Brasil, a partir de pesquisa em catálogos de livrarias e de bibliotecas no Brasil, e demonstra que os compêndios citados atendiam a uma tradição dos conteúdos europeus a que o modelo de formação do cidadão brasileiro aderiria.

Abreu (2003; 2012) e Rocha (2011) evidenciam, dentre outros temas tratados, a ampla circulação de *Tesouro de Meninos* e *Tesouro de Meninas* no Brasil, mencionando-os no topo da lista de livros citados no período, o que vem confirmar a circulação e o sucesso desses compêndios. Rocha (2011), inclusive, apresenta-nos leitores (João Pera da Costa, João Pereira, Luiz de Borper e Luiz Carlos) que liam na Biblioteca Nacional esses compêndios.

Considerando a entrada e a circulação de livros no Brasil entre 1808 a 1824, Neves (1999) revela a preocupação dos censores: os livros não poderiam ir de encontro aos ideais da Igreja e da Monarquia, esses eram os poderes centrais da época e os livros produzidos, e as leituras oriundas deles, não poderiam “abalar e subverter o trono, o altar e os bons costumes” (NEVES, 1999, p. 381). Dito de outro modo: a sociedade brasileira daquele período necessitava de compêndios compostos de conteúdos necessários à instrução das crianças, mas as leituras não poderiam ameaçar a monarquia, a igreja e a família, os pilares da sociedade. Certamente, *Tesouro de Meninos* e *Tesouro de Meninas* estavam nos padrões adequados, porque havia a permissão de circulação no território brasileiro e os compêndios eram considerados “livros de sucesso”, conforme expressão utilizada por Abreu (2003).

Esses “livros de sucesso”, tendo em vista as notícias de sua circulação em outras províncias brasileiras por um significativo intervalo de tempo, então, continuaram a nos instigar, apesar das pesquisas já realizadas. Antes, porém, de especificar os objetivos desse nosso trabalho, é preciso mencionar o fato de que não há dúvidas quanto ao caráter didático e a destinação escolar desses compêndios, principalmente porque, conforme verificamos em investigações anteriores, precisamente no projeto do PIBIC

antes referido, os presidentes de várias províncias solicitaram esses compêndios durante o século XIX em seus relatórios para fins escolares. Ainda que isso não indique a leitura efetiva dessas obras e a sua utilização no âmbito escolar, são claros indicativos dessa destinação.

Considerando o público leitor a que essas obras se destinavam, a nossa pergunta de pesquisa foi: Os aspectos da composicional geral desses compêndios, incluindo orientações de autores, editores e as narrativas inseridas, apresentam dados ou informações que possam configurar um direcionamento específico sobre a formação do leitor infantil?

Nesse sentido, tendo em vista essa formulação, objetivamos analisar as capas, os prefácios, as dedicatórias, os sumários e os prólogos de leitura, assim como as narrativas inseridas nos compêndios *Tesouro de Meninos* e *Tesouro de Meninas*, em diferentes edições, a fim identificar aspectos que apontem para a formação de um leitor infantil. Em outras palavras, procuramos, ao longo da dissertação, analisar narrativas presentes nos compêndios *Tesouro de Meninos* e *Tesouro de Meninas*, bem como discutir a partir da análise dos diferentes elementos da composição do suporte livro (capas, prefácios, dedicatórias, sumários e prólogos de leitura) os aspectos que permitem entender o direcionamento de autores e editores sobre a formação de um leitor. Especificamente em relação a esse último ponto, a discussão será aliada às fontes de pesquisa advindas de documentos oficiais, a exemplo dos relatórios de presidentes de províncias. Esse objetivo geral é delineado nos seguintes objetivos específicos:

- Apresentar uma caracterização geral das obras estudadas, apontando os indícios de sua circulação no Brasil e a relação com os conteúdos escolares, a fim de ter uma compreensão da sua destinação para a formação do leitor infantil, no século XIX.
- Analisar, em diferentes edições da obra *Tesouro de Meninos*, aspectos relacionados à constituição do suporte, a exemplo das capas, prefácios, prólogos de leitura, dedicatórias e sumários, a fim de identificar as mudanças ocorridas ao longo dessas edições e o que elas indicam do ponto de vista da representação do leitor a formar.
- Analisar narrativas presentes nos compêndios, destacando a temática (moral, virtude e civilidade) e o modo de apresentação dessas narrativas, articulando a outros compêndios e estudos sobre esses compêndios.

Acreditamos que o enfoque que seguiremos, a partir da pergunta de pesquisa e dos objetivos estabelecidos, justificam esse retorno. Preferimos, ao longo dessa dissertação, nomear os livros, objeto de estudo, por compêndios didáticos. No primeiro capítulo, justificaremos essa opção.

As edições do compêndio *Tesouro de Meninos* a que tivemos acesso não trazem indicação de data de sua primeira edição. Sena (2008, p. 78) afirma: “Embora se desconheça o registro da sua primeira edição, supõe-se que seja uma produção do século XVIII”. Já sobre *Tesouro de Meninas*, a autora menciona a primeira edição como datando de 1757. Para a presente dissertação, teremos por base especificamente a edição de 1851 de *Tesouro de Meninos* e a edição de 1846 de *Tesouro de Meninas*, ambos disponíveis no site “Caminhos do Romance” da Professora Márcia Abreu (Unicamp). Investigaremos tais edições, porque elas se encontram integralmente digitalizadas no site.

Para a análise das capas, prefácios, dedicatórias e sumários do compêndio *Tesouro de Meninos*, utilizaremos também as edições de 1832, 1888 e 1902². Apesar de termos feito a leitura integral dessas edições, que se encontram na Biblioteca Nacional, não fizemos a digitalização completa das obras devido ao custo de pesquisa, sendo assim digitalizados apenas os elementos que interessam para a análise, os quais revelam intenções de autores e editores.

No que se refere à obra *Tesouro de Meninas*, utilizamos a edição de 1846. Também obtivemos informações sobre a edição de 1861, na Biblioteca Nacional e a edição de 1838, no Real Gabinete Português de Leitura. Contudo, é importante mencionar que, no momento da pesquisa, a edição da Biblioteca Nacional não se encontrava disponível/digitalizada e, no Gabinete, a obra não pôde ser fotografada³. Por isso, ficamos impossibilitados de analisar os elementos relacionados ao autor e ao editor como fazemos com *Tesouro de Meninos*. Outra edição de *Tesouro de Meninas* que julgamos importante mencionar é a edição de 2008, prefaciada por Ana Maria Machado, isso releva, portanto, um objeto de longa duração.

Quanto aos compêndios delimitados como *corpus* desta dissertação, faz-se necessário reiterar que eles já foram objeto de investigação da tese “A tradição da civilidade nos livros de leituras no Império e na Primeira República” (SENA, 2008),

² Outras edições do compêndio *Tesouro de Meninos* podem ser encontradas no site da Biblioteca Nacional de Portugal.

³ Outras edições do compêndio *Tesouro de Meninas* podem ser encontradas no site da Biblioteca Nacional de Portugal e no site da Biblioteca Nacional da França.

cujo objetivo foi: “tornar visíveis as orientações de civilidade nos livros *Tesouro de Meninas*, *Tesouro de Meninos*, *História de Simão de Nantua* e *Escola Pitoresca*, a fim de identificar o que os leitores infantis do Império e da Primeira República liam na escola para serem civilizados” (SENA, 2008, p.15). A nossa perspectiva de análise retoma questões abordadas por Sena (2008) e aponta para outras, principalmente, porque, além de apresentar objetivos diferentes, abordará edições diferenciadas das obras para compreender os diferentes elementos que orientam a formação do leitor, incluindo direcionamentos apresentados pelos autores e editores, bem como o direcionamento interno do narrador, marcado pelo modo de narrar, em que se destacam os diálogos.

Esta investigação caracteriza-se como uma abordagem de pesquisa bibliográfica e documental. No que concerne à primeira, temos como escopo teórico a investigação acerca da leitura compreendida enquanto prática social e cultural. Quanto à segunda, as pesquisas realizadas no Real Gabinete de Leitura Português e a Biblioteca Nacional, no Rio de Janeiro, em 2011 e 2012, foram essenciais para o percurso documental. Além disso, registramos o percurso na internet para encontrar as versões integrais das obras e outras edições, em versões digitalizadas, como as que se encontram na Biblioteca Nacional de Portugal e na Biblioteca Nacional da França.

Considerando, principalmente, os objetivos estabelecidos, essa dissertação configura-se da seguinte maneira: o primeiro capítulo é destinado à descrição geral do *corpus*, à apresentação de dados que confirmam a circulação dos compêndios em território brasileiro, e à relação entre os compêndios e conteúdos escolares; no segundo capítulo, analisamos as capas, os prefácios, as dedicatórias, os sumários e prólogos de leitura, a fim de entender o que esses elementos informam acerca do leitor infantil do século XIX; e, no terceiro capítulo, analisamos algumas narrativas dos compêndios, objetivando identificar em que medida as orientações apresentadas pelos narradores apontam para a formação de um leitor específico.

1 CAPÍTULO: OS COMPÊNDIOS *TESOURO DE MENINOS* E *TESOURO DE MENINAS*: DESCRIÇÃO, CIRCULAÇÃO E SUA RELAÇÃO COM OS CONTEÚDOS DE ENSINO NO BRASIL DO SÉCULO XIX

1.1 Sobre os compêndios: descrição geral

Antes de traçar uma descrição geral do objeto do estudo – as obras *Tesouro de Meninos* e *Tesouro de Meninas* – é preciso deixar claro porque denominaremos esse objeto de **compêndio didático**. No livro intitulado *Livros Escolares de Leitura no Brasil*, Batista e Galvão (2009) utilizam diversos termos para o objeto de nossa análise: manual escolar, livros didáticos, livros escolares de leitura⁴. Acreditamos que essas denominações dizem pouco acerca da natureza das obras *Tesouro de Meninos* e *Tesouro de Meninas*, principalmente tendo em vista tratar-se de compilação de miscelânea de narrativas de outros tempos e lugares.

A definição de compêndio já pode ser encontrada no século XVIII. A notação está presente, por exemplo, no dicionário de Bluteau (1789, p. 416): “COMPENDIO, f.m. epítome, refumo do mais fultancial, ou das noções elementares de alguma arte, fciencia, ou preceitos v.g., *compêndio da doutrina, da Lógica, de Direito Natural*. Em compêndio, refumidamente”.

A definição de compêndio considerando a ideia de resumo de noções elementares da arte, da ciência, ou de doutrina não difere substancialmente da que hoje pode ser encontrada em qualquer dicionário. Contudo, em quase todos os dicionários que consultamos, há um acréscimo que nos interessa particularmente. Vejamos, especificamente, uma das acepções que nos interessa no dicionário Houaiss (2009, p.504): “2. Livro, esp. escolar, que enfeixa tal resumo”. Batista e Galvão, ainda no mesmo estudo citado acima (2009, p. 90), sugerem uma definição de compêndio que se aproxima melhor à natureza do nosso objeto de estudo: “[...] aqueles livros que se caracterizam como uma exposição didática de um conjunto de conteúdos, organizados de forma progressiva, tendo em vista áreas de conteúdo distintas”. Conforme os autores, esse objeto é “uma fonte privilegiada de pesquisa” e o compreendem como “artefato cultural”, porque tais compêndios, por exemplo, evidenciam os conteúdos de ensino de um determinado contexto histórico, permitindo-nos vislumbrar o que ficou para o presente, especificamente, a instrução dentro do âmbito escolar.

⁴ As nomenclaturas podem ser encontradas no já referido livro de Batista e Galvão (2009, p. 26), como também nos estudos de Lajolo e Zilberman (1998).

Do ponto de vista da composição, *Tesouro de Meninos* e *Tesouro de Meninas* são repletos de várias narrativas, como: as leituras bíblicas, os contos, as fábulas, as lições de geografia, história e matemática (não necessariamente nessa ordem), destinadas à formação da criança a partir dos preceitos da sociedade e da época, na França, no século XVIII, e no Brasil, no século XIX, momento em que as obras foram *fabricadas*⁵, para utilizar o termo de De Certeau (2011), disseminadas e adotadas por outras nações. Uma particularidade dessas obras merece ser observada: as leituras bíblicas, os contos, as fábulas, as lições de geografia, história e matemática provêm de outros lugares, como também de outros tempos, ou seja, as narrativas e as lições são reunidas em um suporte – o compêndio didático –, objetivando atender à função da instrução.

Chartier (1999) discute que esse aspecto do compêndio está relacionado àqueles textos/narrativas que sobressaem de determinada época, com uma função específica de conduzir a determinado ensinamento. O teórico ainda acrescenta que o que permanece no compêndio é: “o cheiro da rosa que exala mais forte”, ou seja, os textos/ narrativas que se desvinculam daquele contexto em que foram produzidos para permanecerem em outros tempos e/ou lugares.⁶ Os títulos das obras são bem significativos: “tesouro” é algo de estimável valor e a destinação é certa, ou seja, são obras para os “meninos” e para as “meninas”.

Compreender que as narrativas inseridas nesses compêndios, mesmo, inicialmente, não sendo destinadas para a instrução formal, revelam práticas linguísticas e o modo de ensinar da época, oriundos de outros tempos e lugares. Afirmamos isso, por saber, que inicialmente, os contos de fadas, por exemplo, foram inseridos em uma tradição da oralidade (BETTELHEIM, 2007). Essas narrativas, no século XIX, apareceram nos compêndios *Tesouro de Meninos* e *Tesouro de Meninas* com uma função muito clara – instruir as crianças claramente identificadas enquanto leitores. Mais que isso: têm como função evidenciar os vícios e as virtudes na representatividade de alguns personagens, representantes de estereótipos das crianças que se pretendia formar em contraposição ao que se deveria evitar. Esses compêndios, como posteriormente demonstraremos, revelam essa função evidenciada nos direcionamentos

⁵ Utilizamos o termo “fabricadas” para tratar da composição dos compêndios, porque compreendemos que o compêndio didático nos (in) formam que ele foi “fabricado” para ser utilizado no âmbito escolar e isso é evidenciado pelos prólogos de leitura e as narrações inseridas nos compêndios, como veremos no segundo e terceiro capítulos.

⁶ Informação sobre a composição dos compêndios foi discutida com Roger Chartier, na **Escola São Paulo de Estudos Avançados sobre a Globalização da Cultura no Século XIX**, em Campinas/SP, em agosto de 2012.

presentes nos discursos proferidos pelos autores e editores, bem como pelas orientações dos narradores ao longo das narrativas. Além disso, não podemos perder de vista o que dizem autoridades responsáveis pela instrução, quando adotam esses compêndios.

Para este estudo, como dissemos anteriormente, utilizamos as edições de *Tesouro de Meninos* de 1832, 1851, 1888, 1902, obra composta em francês por Pedro Blanchard e vertida para o português por Matheus José da Costa. Contudo, a edição de 1851 será considerada a base a partir da qual teceremos as considerações mais gerais, tendo em vista que essa edição encontra-se integralmente digitalizada disponível no site “Caminhos do Romance”. Tivemos acesso às demais edições na Biblioteca Nacional, contudo, só fotografamos as capas, as dedicatórias, os sumários e os prefácios, visto que, conforme investigamos, os assuntos da composição dos compêndios são os mesmos da edição que tomamos para o nosso estudo.

Pedro Blanchard é apresentado como “compositor” da obra em francês, aparece na configuração das capas de todas as obras *Tesouro de Meninos* e Matheus José da Costa é responsável pela tradução em língua portuguesa de todas as edições a que tivemos acesso. Consideramos, seguindo Chartier (1999), que cada um dos sujeitos elencados tem um papel diferenciado e podem ser denominados como os *intermediários de uma história de leitura*, conforme denomina Darnton (2010).

Sena (2008) caracteriza a obra *Tesouro de Meninos*, especificamente, com base na edição de 1851, vejamos:

[...] o personagem o pai de Família (sem nome na obra) tem a função de mestre, de modo que transmite os valores e os padrões de conduta, sob os conteúdos da moral, da virtude e da civilidade aos seus filhos: Paulino, de 12 anos, e Felícia, de 11 anos. Como é o Pai de Família que inicia o diálogo com os seus filhos, esta obra representa o comportamento bastante comum na França do século XVI até o XIX, quando as famílias se reuniam à noite em volta da lareira em casa, após o jantar, para falar de inúmeras situações, contar histórias, ensinar, e, normalmente, com as mulheres comandando estas reuniões. (SENA, 2008, p.82)

Ainda tivemos acesso a duas edições que diferem daquelas aqui estudadas. No Real Gabinete Português de Leitura, localizamos o compêndio *Tesouro de Meninos* com as seguintes referências: *Thesouro de Meninos: Resumo de História Natural, para uso da mocidade de ambos os sexos...*; Assunto – História Natural; Editora- Imprensa Régia; Local – Lisboa; Ano: 1814-24; Responsabilidade – Tradução de Matheus José da Costa; Compilação de Pedro Blanchard. Essa coleção do compêndio é composta de seis

volumes que tratam de conteúdos relacionados à História Natural, diferindo, portanto, dos conteúdos da moral, da virtude e da civilidade, presentes nas edições que tomamos como *corpus*. A outra edição que difere das edições estudadas é a de 1813 referenciada por Abreu (2003). O compilador e o tradutor do compêndio são os mesmos. Contudo, na edição referida, há acréscimo de uma terceira figura, o Doutor Felix de Avellar Brotero, que foi responsável pela correção do compêndio. Sobre essa edição afirma Abreu (2003, p. 121):

O resultado dessa tripla autoria é uma narrativa em que um “Pai de Família” dá instruções a quatro jovens sobre cosmografia, mineralogia, botânica e zoologia, dentro de uma estrutura narrativa que os leva a passeios, observações da natureza e conversas, nas quais não faltam conselhos sobre os “deveres da Moral, da Virtude e da Civilidade”. (Grifos da autora).

Notemos que, nessa edição, o fio condutor das “instruções” são os conteúdos “cosmografia, mineralogia, botânica e zoologia”, retirados das edições analisadas, e os “conselhos sobre os ‘deveres da Moral, da Virtude e da Civilidade’” parecem entrar como complementação, assinalando um ensinamento necessário, mas não central. É importante observar que, nas edições estudadas, posteriores à edição de 1813, a tônica dos ensinamentos se inverte, permanecendo como central os conteúdos doutrinários da moral, da virtude e da civilidade.

Quanto a *Tesouro de Meninas* (1846), Madame Leprince de Beaumont é apresentada como compiladora, e a tradução para a língua portuguesa é de responsabilidade de Joaquim Ignacio de Farias. Sobre a autora, Machado (2008) traz os seguintes dados:

A autora era uma mulher letrada, nascida em Rouen em 1711. Filha de um escultor de imagens e altares, graças a essa circunstância conseguiu estudar com as freiras de um convento na Normandia. Ao atingir a idade adulta, passou a se mover nos círculos aristocráticos, onde teve de ganhar a vida dando aulas após ter enviuvado muito cedo, com a morte do marido, o marquês Grimard de Beaumont, num duelo. De início, ensinou num educandário de religiosas. Em seguida, tendo sido preceptora de princesas e já tendo publicado um romance para adultos, acabou emigrando para Londres em 1750, sempre encarregada da instrução de meninas da nobreza.

Na Inglaterra, Madame Leprince de Beaumont travou conhecimento com a publicação de pequenos opúsculos a baixo preço, bastante parecidos com os nossos folhetos de cordel, os *chapbooks*. Percebeu o possível alcance dos folhetos e teve a idéia de juntar suas duas

vertentes profissionais – educação e literatura. Passou a fazer uma publicação a que deu o nome de revista, destinada à educação de crianças, dos adolescentes e das damas. Durante trinta anos, publicou na França e na Inglaterra mais de quarenta volumes reunindo esses folhetos, que hoje talvez chamássemos de fascículos [...] Bem-sucedida, independente e com recursos próprios, comprou uma terra perto de Annecy, onde morou um bom tempo antes de se retirar para Avallon, onde viveu até falecer em 1780. Já então em companhia de seus seis filhos, da família que constituiu com o segundo marido – o inglês Pinchon Tyrrel, que trabalhava como secretário de um aristocrata e com quem ela se casara tardiamente, bem depois de completar quarenta anos. (MACHADO, 2008, p. 9 e 10).

Essa biografia de Madame Leprince Beaumont, enquanto mulher virtuosa, ou seja, aquela que segue os preceitos religiosos, bem como os preceitos morais e cívicos, está intrinsecamente relacionada à obra *Tesouro de Meninas* e, conseqüentemente, relacionada aos procedimentos da personagem Bonna, a aia de Sensata e condutora dos diálogos. Como mencionamos, em *Tesouro de Meninos*, temos um personagem que cumpre um papel similar ao de Bonna, o Pai de Famílias.

Em Sena (2008), consta que *Tesouro de Meninas* teve a primeira publicação em 1757. Obtivemos informações acerca das seguintes edições que circularam no Brasil, traduzidas para a língua portuguesa: a edição de 1838, localizada no Real Gabinete Português de Leitura; a edição de 1846, referenciada por Márcia Abreu, no site “Caminhos do Romance”, e a edição de 1861, localizada na Biblioteca Nacional. Essa obra ainda teve outra edição em 2008, cujo prefácio e seleção das narrativas foram feitos por Ana Maria Machado. Sobre essa última edição, vejamos o que Ana Maria Machado registra no prefácio:

Esse *Tesouro de meninas* que serviu de base para o que aqui reproduzimos é a edição que pode ser encontrada na seção de Obras Raras da Biblioteca Nacional. Testemunha de uma época. Hoje, um tesouro real – além de ser o tesouro do título, evocando a noção de *thesaurus*, obra de referência e compilação enciclopédica de informações úteis. Tentando trazê-la para mais perto do leitor moderno, optamos por não reproduzir o texto na íntegra, de modo a poder tornar sua leitura mais palatável. Para isso, além de modernizar a ortografia, procuramos enxugar as quase oitocentas páginas dos dois volumes originais. Eliminamos as lições de ciência, história e geografia, por exemplo, carregadas de noções inteiramente ultrapassadas no atual estágio do conhecimento humano. Também não transcrevemos a íntegra dos relatos de História Sagrada. E reduzimos bastante os ensinamentos edificantes, as lições moralistas, as conversas de orientação comportamental – remetendo a pequena parcela de eventuais interessados no assunto à consulta direta do original da obra na Biblioteca. Conservamos, porém, quase todos os

contos, fábulas e anedotas narrados. E, nos capítulos iniciais, fizemos questão de preservar a íntegra do texto, para que o leitor possa ter uma boa idéia de como se desenrolará depois o restante da obra, em que apenas entremeamos os relatos e uma ou outra observação com a indicação em itálico dos trechos cortados. Ou, eventualmente, seu resumo, quando foi o caso. (MACHADO, 2008, p.19 e 20, grifos da autora.).

Nesse prefácio, Machado apresenta-nos um resumo das diferentes narrativas que compõem essa “obra de referência e compilação enciclopédica de informações úteis”: um livro “de quase oitocentas páginas” em dois volumes, contendo “lições de ciência, história e geografia”, relatos de “História Sagrada, ensinamentos edificantes, lições moralistas, conversas de orientação comportamental, contos, fábulas e anedotas”.

Sena (2008) também registra a caracterização do compêndio *Tesouro de Meninas*, apresentando informações que constam nos elementos pré-textuais da obra, como também indicando cada personagem que participa dos diálogos:

O livro *Tesouro de Meninas* é composto por dois tomos, cada um com duas partes em que a divisão por diálogos é enumerada. No primeiro tomo são dezesseis diálogos, com 428 páginas e possui seis ilustrações. No segundo, são treze, com 334 páginas. As personagens desta narrativa são Bonna, aia de Sensata, Sensata (12 anos), Espirituosa (12 anos), Mary (5 anos), Carlota (7 anos), Molly (7 anos), Babiolla (10 anos) e Altina (13 anos). (SENA, 2008, p.59).

Diante o apresentado até o momento, procuramos fazer uma caracterização dos compêndios didáticos estudados a fim de compreender sua composição e a organização a partir da definição do termo *compêndio* e sua configuração.

1.2 A circulação desses compêndios no Brasil

O nosso período de estudo compreende a segunda metade do século XIX, no Brasil, como apontamos na introdução. Contudo, faremos menção a notícias anteriores a esse período, porque interessa saber o caminho percorrido pelos compêndios estudados, objetivando contextualizar esse percurso aqui no Brasil. Conforme antes mencionado, os compêndios *Tesouro de Meninos* e *Tesouro de Meninas* foram produzidos fora do Brasil e aqui circularam em língua original (o francês) ou vertidos para o português. Diante desse fato, traremos inicialmente algumas referências relativas à entrada de obras

estrangeiras no Brasil, para em seguida contextualizar as obras estudadas, buscando inseri-las em uma tradição de um ensinamento formal ou escolar.

Ao discutir a entrada de obras no Brasil nos oitocentos, Abreu (2003) afirma que a circulação das obras estava intimamente relacionada à censura da terra lusitana. Nesse sentido, a autora discute os caminhos que os censores percorriam para recusar ou aceitar as obras em circulação em Portugal e, conseqüentemente, nos países dependentes desta Nação, como era o caso brasileiro. É importante mencionar essas restrições acerca da circulação, porque as primeiras notícias dos compêndios estudados encontram-se nas listas dos censores.

No período estudado, não podiam circular quaisquer ideias e a censura era exercida por órgãos censores específicos. Morel (2012) aponta que “[...] a censura prévia aos impressos era exercida, no âmbito dos territórios pertencentes à nação portuguesa, pelo poder civil (Ordinário e Desembargo do Paço) e pelo poder eclesial (Santo Ofício)” (MOREL, 2012, p.23).

Abreu (2003) destaca que a criação da *Mesa de Desembargo do Paço*, a partir de 1808, foi motivada pela abertura dos portos:

O crescimento na demanda por livros torna-se ainda mais evidente se considerarmos que, a partir de 1808, passa a ser possível importar bens de outras localidades que não Portugal, em função da abertura dos portos. Nova possibilidade se abre, nova forma de controle se instala: em 22 de abril de 1808, institui-se a *Mesa de Desembargo do Paço* no Rio de Janeiro, por Alvará Régio. (ABREU, 2003, p.40, grifos nossos.).

Destacamos também nessa citação o fato de que os livros não vinham apenas de Portugal. Nesse sentido, a função da Mesa de Desembargo do Paço não era apenas exercer as “proibições e perseguições”, mas também tinha a função “[...] da liberação de obras remetidas para o Brasil vindas do exterior e da fiscalização do trânsito de impressos entre os portos brasileiros” (ABREU, 2003, p. 59). As medidas de segurança com os impressos eram necessárias para o controle das ideias veiculadas pelos livros.

A partir dos documentos encaminhados a essas instituições censoras, Abreu (2003) elabora uma lista intitulada “Títulos de belas-letras mais solicitados em requisições submetidas à censura portuguesa entre 1808 e 1826 com destino ao Rio de Janeiro”. Nessa lista, há os dez livros mais solicitados e remetidos ao Brasil, dentre os

quais as obras *Magazin d' enfants*⁷, Pauline de Montmorin, MneLeprince de Beaumont encontram-se em posições de destaque, quarto lugar, com 46 solicitações. Na mesma lista, *Tesouro de meninos*, de P. Blanchard, traduzido por Matheus José da Costa, aparece em oitavo lugar, com a solicitação de 34 livros.

É importante destacar, segundo informação de Abreu (2003), que o compêndio *Tesouro de Meninas* foi encaminhado inicialmente em sua língua original – o francês. Posteriormente, a obra foi vertida para o português, a fim de atender aos interesses brasileiros, como podemos constatar no relatório do presidente da província paraibana e na tabela que veremos a seguir. Outro fato importante para destacar é, além da liberação das obras, a quantidade de solicitações, tendo em vista o período de circulação: 46 para o compêndio *Tesouro de Meninas* e 34 para o compêndio *Tesouro de Meninos*.

Augusti (1998) registra, a partir de pesquisas em catálogos das livrarias e em catálogos de bibliotecas, a presença dos compêndios *Tesouro de Meninos* e *Tesouro de Meninas*, no Brasil, especificamente, no Rio de Janeiro, durante o século XIX. Essas informações revelam a circulação dos compêndios, bem como sugerem a presença de um público leitor. Contudo, considerando esse público, Abreu (2003, p.108) apresenta conclusões acerca do prestígio desses compêndios:

Duplamente desvalorizados são os livros *Magasin d' enfants* e *Tesouro de meninos*, pois, além de serem *narrativas ficcionais* cujo propósito era a moralização e a educação, tinham como *público-alvo as crianças e os jovens*. (Grifos nossos.).

Apesar dessa desvalorização das obras apontada por Abreu, Rocha (2011) evidencia uma ampla circulação desses livros no Brasil, durante o século XIX, no período de 1833 a 1856, tendo como fonte, especificamente, os registros de usuários que frequentaram a biblioteca. Esses registros realizados pelos funcionários da biblioteca durante o período citado deram origem a *14 Códices de Consulta Pública* que atualmente se encontram na Biblioteca Nacional, no Rio de Janeiro. Na lista de livros, *Tesouro de Meninos* e *Tesouro de Meninas* mais uma vez são solicitados pelos leitores que frequentavam a Biblioteca Nacional, no Rio de Janeiro. Nesse sentido, as pesquisas citadas revelam não apenas a circulação, como também a preferência dos leitores durante certo tempo, no século XIX.

⁷ Conforme Sena (2008, p.55), o título completo dessa obra é *Magasin des enfants ou Dialogues entre une sage gouvernante et ses élèves*.

Utilizamos ainda outra fonte de pesquisa que fornece informações dessa circulação: as leis ou prescrições das autoridades constituídas, a exemplo de relatórios e discursos do período estudado. Com relação à circulação dos compêndios no Brasil, especificamente na província da Paraíba, retomaremos alguns dados de relatórios (LIMA, 2008 e 2009) do já referido Projeto de Iniciação Científica de que participamos.

Na segunda metade do século XIX, precisamente em 1850, o Presidente Coronel José Vicente de Amorim Bezerra menciona a adoção do compêndio, vejamos a citação: “Mande comprar 60 exemplares de *Simão de Nantua*, e alguns do *Tesouro de Meninas* para fazer a competente distribuição.” (BEZERRA, 1850, p.6). Esse documento traz notícias que revelam a circulação dos compêndios na Paraíba, no âmbito escolar, portanto, destinados à instrução. Se a “competente distribuição” de fato ocorreu, não temos confirmação. Também não sabemos a destinação certa da obra: seria para o professor ou para os alunos?

Apesar de o Presidente José Vicente de Amorim Bezerra solicitar os compêndios, ele não justifica a adoção – talvez porque se tratasse de uma obra consagrada para o uso educativo – nem cita o nome dos autores, o que era comum à época, nem explicita que é uma obra oriunda da França.

Quanto a *Tesouro de Meninos*, de Pedro Blanchard, temos evidenciadas notícias da circulação do compêndio na Paraíba através da pesquisa de Barbosa (2007) em anúncios de jornais, especificamente no jornal *A Regeneração* de 1862. No que se refere à circulação das obras em outras províncias brasileiras durante o Império, podemos remeter aos trabalhos que, dentre outros aspectos estudados, registram essa circulação, como Augusti (1998), Lajolo e Zilberman (1998), Tambara (2003), Abreu (2003; 2012), Sena (2008) e Rocha (2011). O documento *Collecção das Decisões do Governo do Império do Brasil de 1833*, decisão Nº 433, de 16 de agosto de 1833, Typographia Nacional do Rio de Janeiro, 1873, o órgão da Regência, também fornece informações sobre a circulação, em território brasileiro, das duas obras aqui estudadas.

Consideramos relevante compreender essa circulação no contexto brasileiro em que os livros de origem francesa foram inseridos para atender a instrução das crianças no Brasil. Nesse sentido, o que era previsto para o ensino brasileiro, no século XIX?

1.3 Os compêndios *Tesouro de Meninos e Tesouro de Meninas* e os conteúdos escolares

Para brevemente contextualizar a utilização desses compêndios no contexto da educação no Brasil no século XIX, faz-se necessário, pelo menos, retomar o que, do ponto de vista oficial, discutia-se sobre a educação primária⁸. Nesse sentido, elegemos dois documentos para, de uma maneira geral, situar essa problemática: a lei de 15 de outubro de 1827 e os relatórios dos presidentes de província paraibana, durante o Império no Brasil.

Quanto à Lei mencionada, Mello ([1936] 1996, p.35) afirma: “O ensino primário, até então livre, passaria ao governo geral, que assim teria sob o seu controle todo o movimento educacional do País”. Observemos que o autor destaca essa Lei como o primeiro movimento no sentido de unificação do ensino no país. Esse aspecto, por si só, justifica iniciar essa contextualização referenciando esse documento. Além disso, vejamos ainda o que afirma Mello sobre a recepção dessa lei:

As províncias receberam com aplausos a grande Lei, a primeira do Brasil independente, que veio de perto satisfazer a opinião pública. Referendado pelo ministro do Império, o Visconde de São Leopoldo, e assinado por Pedro I, é este o **ato centenário que instituiu oficialmente o ensino primário no Brasil [...]** (MELLO, 1996, p.35, grifos do autor).

Ainda na mesma perspectiva de enaltecer a Lei, o autor afirma que “[...] foi, incontestavelmente, um grandioso passo para a construção consciente da nossa nacionalidade. **‘Era a base segura em que repousaria melhor o futuro da nova pátria.’**”⁹ (MELLO, 1996, p.35. Grifos do autor).

Esta Lei que sistematiza os passos da instrução primária durante a primeira fase do Império é composta de 17 artigos, os quais promulgam algumas decisões que se tornam relevantes aqui retomar. Em primeiro lugar, tem-se que as escolas de primeiras letras tornam-se obrigatórias em todos os lugares que tenham uma população considerável; nos lugares pouco populosos, as autoridades deveriam tomar medidas para transferir as escolas para outros lugares mais populosos. A remuneração e a instrução dos professores passam a ser regulamentadas e aqueles professores que se distinguiram

⁸ Vale ressaltar que não é nosso objetivo fazer uma história da educação nesse período, mas apenas situar o nosso objeto de estudo nesse contexto.

⁹ Como verificaremos, posteriormente, o conteúdo de ensino de que trata essa lei encontra ressonância nos compêndios didáticos que aqui foram adotados.

teriam aumento nos seus ordenados. É interessante destacar nesse item o fato de que aspectos relacionados ao comportamento dos professores passam a ser objeto da lei, a exemplo de sua idoneidade. O mesmo valor do ordenado era definido para os mestres professores e professoras. O cargo dos professores é vitalício e eles são os responsáveis pela instrução, especificamente “os presidentes em conselho, a quem pertence a fiscalização das escolas” podem demitir e substituir os mestres que julgarem fugir do estabelecido na lei.

No que tange, especificamente, à instrução dos professores, consideramos relevante remeter a um documento, encontrado na Biblioteca Nacional, que faz parte da *Collecção das Leis e Decretos do Imperio do Brasil*, de 1829, referente ao quarto tomo. Esse documento é assinado pelo Sr. Barão de Bagé, o qual denuncia o descumprimento da referida lei no que tange à contratação de professores. Vejamos o documento:

Decretos, Portarias, &c.
Repartição dos Negócios do Imperio

Illust. E Excel. Sr. – Constatando a Sua Magestade o Imperador, que em algumas Provincias deste Imperio se tem praticado o abuso de serem aprovados para Professores de Primeiras Letras oppositores, que se não mostram instruídos em todas as materias do Artigo 6º da Lei de 15 de Outubro de 1827: Há por bem que V. Ex. faça evitar semelhante abuso, recomendando mui positivamente, que nos exames dos ditos oppositores não sejam aprovados aqueles, que não satisfizerem aos quesitos do mencionado Artigo.

Deos Guarde a V. Ex. Palacio do Rio de Janeiro em 25 de Setembro de 1829. – José Clemente Pereira. – Sr. Barão de Bagé.

Na mesma conformidade e data se expedirão a todas as Províncias do Imperio. (LEGISLAÇÃO Brasileira..., 1844, p. 97)

Desse documento, interessa-nos especificamente o fato de o Sr. Barão de Bagé claramente apontar para a necessidade de que os professores sejam aprovados com base em critérios estabelecidos a partir do domínio dos conteúdos de ensino determinados na lei de 1827. O Artigo 6º. a que ele se refere estabelece:

Art. 6.º Os Professores ensinarão a ler, escrever, as quatro operações d'aritmética, prática de quebrados, decimaes e proporções, as noções mais geraes de geometria pratica, a gramática da língua nacional, e os princípios da moral christã e da doutrina da religiao catholica apostolica romana, propocionados à comprehensão dos meninos, preferindo para as leituras a Constituição do Imperio e a historia do Brazil.

(LEGISLAÇÃO Brasileira... 1844, p. 101, grifos nossos)

Além desse artigo, julgamos conveniente mencionar também o artigo 12º:

Art. 12.º As Mestras, além do declarado no art 6º, com exclusão das noções de geometria, e limitando a instrução da arithmetica só às quatro operações, ensinarão também as prendas que servem à economia doméstica, e serão nomeadas pelos Presidentes em Conselho aquellas mulheres que, sendo Brasileiras e conhecida honestidade, se mostrarem com mais conhecimentos nos exames feitos na forma do art.7º.
(LEGISLAÇÃO Brasileira... 1844, p. 102)

Notemos que, nos artigos citados, temos bem evidenciados os conteúdos que deveriam ser transformados em objetos de ensino para a criança no período mencionado. É importante também verificar que os objetos de leitura também são indicados: preferencialmente “a Constituição do Imperio e a historia do Brazil”. Fato que chama a atenção nessa lei são os conteúdos de ensino destinados à “gramática da língua nacional” e à preferência pelas “leituras da Constituição do Imperio e da historia do Brazil”. As indicações de leituras sugerem pensar que os conteúdos estariam relacionados à definição de nação que começava a ser formada no país. Também podemos mencionar a doutrina da religião veiculada aos princípios da Religião Católica, preponderante na disseminação dos saberes religiosos.

Se a aprovação de professores deveria estar condicionada, como afirma o Sr. Barão de Bagé, “aos quesitos do mencionado Artigo”, não é estranho supor que tal exigência naturalmente deveria estender-se à escolha do material didático utilizado. Diante isso, torna-se, então, importante pensar na relação entre os conteúdos apresentados nos compêndios estudados e aqueles mencionados no 6º. Artigo dessa lei. Vejamos o índice do compêndio *Thesouro de Meninos*:

Figura 1: Índice do compêndio *Thesouro de Meninos*.

INDICE	
DO	
THESOIRO DE MENINOS.	
PREFACIO	VII
<i>Introdução. Da Sociedade</i>	13
PRIMEIRA PARTE: da Moral.	26
SEGUNDA PARTE: da Virtude,	123
TERCEIRA PARTE: da Civilidade.	158
<i>Poesias diversas</i>	233
<i>Breves Noções de Arithmetica.</i>	237
<i>Compendio da Historia Sagrada.</i>	257
<i>Breves Noções de Geographia Universal</i>	299
<i>Summario da Historia Universal</i>	359
<i>Tabella dos Reis de Portugal</i>	376

N. B. Posto que neste Indice não se menciona por extenso todos os capitulos como nas edições precedentes, todavia nenhum se omittiu nesta reimpressão.

Fonte: BLANCHARD, 1851.

Lembremos que, no artigo sexto citado, a lei determina os seguintes ensinamentos: “ler, escrever, as quatro operações d’aritmética, prática de quebrados, decimaes e proporções, as noções mais geraes de geometria pratica, os princípios da moral christã e da doutrina da religiao catholica apostolica romana”. Notemos que os “princípios da moral e da doutrina religiosa e as Noções de Arithmetica” configuram-se como conteúdos de ensino centrais nesse compêndio: a primeira parte é toda dedicada à moral; e a “doutrina da religiao catholica apostolica romana” está muito bem representada no item *Compendio de História Sagrada* que constitui uma espécie de apêndice à obra, contendo narrativas baseadas nas sagradas escrituras. Desse modo, podemos afirmar que os conteúdos expostos no índice acima convergem em certa

medida para aquilo que prescreve a lei. Em *Tesouros de Meninas*, esses ensinamentos estão presentes no conteúdo das narrativas distribuídas ao longo do compêndio.

É certo que estamos relacionando conteúdos de ensino estabelecidos em Lei de 1827 à edição de um compêndio de 1851. Primeiro, convém lembrar que essa é a sexta edição desse compêndio; segundo, acreditamos que esse aspecto demonstra a permanência de determinados conteúdos de ensino, fato que talvez justifique a existência de tantas edições desse compêndio por um período de tempo tão longo.

Para melhor fundamentar essa compreensão, recorremos a outra fonte de pesquisa que nos ajudou a relacionar os conteúdos de ensino abordados nos compêndios *Tesouro de Meninos* e *Tesouro de Meninas* e aqueles formalmente indicados para educação das crianças brasileira: os relatórios dos presidentes da província paraibana, precisamente no ano de 1850, através dos quais constatamos a adoção do compêndio *Tesouro de Meninas*. Verificamos ainda nesses relatórios os conteúdos do ensino primário. Contudo, em 1861, o Diretor da Instrução Pública Diogo Velho Cavalcanti de Albuquerque informa esses conteúdos de forma sistematizada. Observemos a tabela abaixo:

Tabela 1¹⁰: Conteúdos de Ensino para a Escola Primária durante o Império Brasileiro

“As matérias que constituem o ensino primario, conforme o regulamento em vigor, são:
 Leitura e escripta.
 Arithmetica até proporções.
 Doutrina christão.
 Elementos de grammatica da língua nacional, e com especialidade em orthographia.
 Noções geraes de geometria pratica sem demonstrações.
 As professoras ensinão mais as prendas domesticas.”

Fonte: (Relatorio... Parahyba, 1861).

Notemos que os conteúdos de ensino apresentados nesse relatório de 1861 recuperam praticamente na íntegra os conteúdos apresentados na lei de 1827 e contemplados nos compêndios analisados.

Para percebermos como alguns conteúdos de ensino perduram e, ao mesmo tempo, para demonstrar a inserção dos compêndios estudados no cenário da educação

¹⁰ A ABNT 14724 considera “as tabelas apresentam informações tratadas estatisticamente”, Contudo, nos dois contextos em que utilizamos o termo “tabela” é objetivando estar coerente com os documentos pesquisados.

brasileira, recorremos a outro documento, também da segunda metade de século XIX, especificamente de 1873. Trata-se de um documento que faz parte da *Coleção das Decisões do Governo do Império do Brasil*, o qual apresenta uma tabela com conteúdos de ensino, distribuídos por “classes”, correspondentes a níveis de escolaridade. Antecedendo essa tabela, temos o seguinte enunciado:

As Camaras Municipais da Província do Rio de Janeiro, ordenando que façam observar nas Escolas Públicas de primeiras letras a tabela anexa, organizada e aprovada para a leitura e o estudo de arithmética. Tendo a Regência determinado que se formasse uma Tabella das matérias indispensáveis para a leitura, e para o estudo da arithmetica nas Escolas Públicas de primeiras letras desta Província, e na qual se estabelecesse um método regular de Instrucção, de sorte que os alumnos, que por qualquer circunstância se mudassem de umas para outras, nada perdessem com a mudança, e aliás progredissem sempre nos seus conhecimentos: Manda a mesma Regência, em Nome do Imperador, pela Secretaria de Estado dos Negócios do Império remetter à Camara Municipal de....os inclusos exemplares da referida Tabella que houve por bem approvar, para que, distribuindo-as por cada uma das Escolas Públicas de primeiras letras do seu município, faça que os respectivos Professores observem a classificação nella indicada, prohibindo-lhes qualquer arbítrio no ensino dos seus alumnos, pelo qual ficam responsáveis. E há por bem recommendar-lhes que conserve os exemplares restantes, a fim de se distribuírem no seu município.

Palácio do Rio de Janeiro, em 16 de Agosto de 1833, Aureliano de Souza e Oliveira Coutinho.

(COLLECÇÃO DAS DECISÕES... 1873, p. 306.)

Observemos que se destaca claramente a destinação dos conteúdos (as “matérias indispensáveis”) para a instrução nas Escolas Públicas de primeiras letras e tal aspecto será apresentado na tabela. Vejamos igualmente que, o professor, responsável pela instrução dos seus alunos, teria que seguir “um método regular de Instrução”, um padrão em todo o território nacional para que, se o aluno fosse para outra província, não ficasse atrasado em seus estudos.

Passemos à tabela, na qual também se destaca a indicação de compêndios para que o professor siga os padrões estabelecidos e os conteúdos para cada fase do aprendizado escolar.

Tabela 2: Tabela para as classes de leitura nas aulas de ensino-mútuo¹¹

Objetos	Para as classes	Doutrinas
1.º	1. ^a	A, B, C, minúsculo e maiúsculo nas segundas, terças, quintas e sextas-feiras: idem em manuscrito na quarta e sábado.
2.º	2. ^a	Sílabas de 2 e 3 letras.
3.º	3. ^a	Ditas de 3 letras.
4.º	4. ^a	Ditas de 3 letras.
5.º	5. ^a	Ditas de 3 letras.
6.º	6. ^a	Ditas de 4 letras, e articulações.
7.º	7. ^a	Vocabulário do Expositor de Português nas segundas, terças, quintas e sextas-feiras, e Doutrina Cristã nas quartas e sábados.
8.º	8. ^a	Histórias Morais de leitura para meninos nas segundas, terças, quintas e sextas-feiras, e a <i>Bíblia do Tesouro de Meninas</i> em manuscrita nas quartas e sábados.
9.º	9. ^a	Alguns provérbios de Simão de Nantua nas segundas, terças, quintas e sextas-feiras, e a continuação da Bíblia em manuscritas nas quartas e sábados.
10.º	10. ^a	A História de Simão de Nantua nas segundas, terças, quintas e sextas-feiras, e a continuação nas quartas e sábados.
11.º	11. ^a	História do Brasil, traduzida por Bellegarde nas segundas, terças, quintas e sextas-feiras, e a Constituição do Império nas quartas e sábados.
12.º	12. ^a	<i>Tesouro de Meninos</i> nas segundas, terças, quintas e sextas-feiras, e a caligrafia em manuscrita nas quartas e sábados.

¹¹Tivemos acesso a *Tabela para as classes de leitura nas aulas de ensino-mútuo* durante a Pesquisa de Iniciação Científica, em 2008, momento em que pesquisávamos no Arquivo José Braz do Rego, no qual investigamos a *Coleção das Decisões do Governo do Império do Brasil*. O arquivo está localizado na Assembleia Legislativa, na cidade de João Pessoa no Estado da Paraíba.

13.º	13. ^a	Economia da vida humana nas segundas, terças, quintas e sextas-feiras, e o livro dos meninos nas quartas e sábados.
14.º	14. ^a	Deveres do homem, por Eusébio Vaneiro, nas segundas, terças, quintas e sextas-feiras, e a Escola Política por Fr. João de Nossa Senhora da Porta Siqueira, só o que pertence à civilidade, nas quartas e sábados.
15.º	15. ^a	Gramática do padre Fortes, nas segundas, terças, quintas e sextas-feiras, e o Resumo de Ortografia por Barker nas quartas e sábados.
16.º	16. ^a	Noções Elementares de Geografia, traduzida por Brasiliano nas segundas, terças, quintas e sextas-feiras, e Princípios de Geometria Práticas nas quartas e sábados.
N.B. Os professores, que não tiverem igual número de classes, poderão suprimir da 9ª classe inclusive por diante, o que julgarem conveniente; menos a Bíblia, e as matérias expressas na lei, podendo resumir em todas as classes, as matérias de duas, ou mais, em uma só: v.g. as da 2ª, 3ª e 4ª só na 2ª, e assim por diante.		

Fonte: (COLLECÇÃO DAS DECISÕES... 1873, p. 307, grifos nossos).

Nesta tabela, há uma divisão nítida em 16 “objetos” para 16 “classes” com “doutrinas” diferenciadas. Cada “classe” corresponde a um estágio diferenciado dos alunos, pois, para progredirem no ensino, seria necessário vencer cada “doutrina” destinada à “classe”, seguindo de perto as perspectivas do método de ensino mútuo, como já estabelecia a Lei de 15 de outubro 1827.

Acreditamos que o conceito de “disciplina” como “anatomia política do detalhe”, preconizado por Foucault (1987), subjaz ao controle que a tabela visa a exercer quanto ao ensino primário brasileiro durante os oitocentos. Foucault insere tal conceito em uma tradição da instituição escola:

Pouco a pouco – mas principalmente depois de 1762 – o espaço escolar se desdobra; a classe torna-se homogênea, ela agora só se compõe de elementos individuais que vêm se colocar uns ao lado dos outros sob os olhares do mestre. *A ordenação por fileiras, no século XVIII, começa a definir a grande forma de repartição dos indivíduos na ordem escolar: filas de alunos na sala, nos corredores, nos pátios; colocação atribuída a cada um em relação a cada tarefa e cada*

prova; colocação que ele obtém de semana em semana, de mês em mês, de ano em ano; alinhamento das classes de idade umas depois das outras; sucessão dos assuntos ensinados, das questões tratadas segundo uma ordem de dificuldade crescente. E nesse conjunto de alinhamentos obrigatórios, cada aluno segundo sua idade, seus desempenhos, seu comportamento, ocupa ora uma fila, ora outra; ele se desloca o tempo todo numa série de casas; umas ideais, que marcam uma hierarquia do saber ou das capacidades, outras devendo traduzir materialmente no espaço da classe ou do colégio essa repartição de valores ou dos méritos. Movimento perpétuo onde os indivíduos substituem uns aos outros, num espaço escondido por intervalos alinhados. (FOUCAULT, 1987, p. 134, grifos nossos.).

Importante observar que a relação entre as “classes” e as “doutrinas” apresentadas na tabela dá-se em uma progressão, conforme observamos na citação de Foucault: começa pelo *A, B, C, minúsculo e maiúsculo, Sílabas de 2 e 3 letras, Ditas de 3 letras, Ditas de 4 letras*, passa pelas *Doutrina Cristã e Histórias Morais de leitura para meninos*, em que são indicados os compêndios *Bíblia do Tesouro de Meninas, Alguns provérbios de Simão de Nantua, História do Brasil, traduzida por Bellegarde, a Constituição do Império, Tesouro de Meninos, caligrafia em manuscrita, Economia da vida humana, livro dos meninos, Deveres do homem, por Eusébio Vaneiro, Escola Política por Fr. João de Nossa Senhora da Porta Siqueira, Gramática do padre Fortes, Resumo de Ortografia por Barker*.

Notemos que a tabela “para as classes de leitura”, além da seriação e da progressão dos conteúdos a serem ministrados, nitidamente apresenta-se como uma agenda, uma programação diária que deveria ser seguida pelo professor. Nesse sentido, não apenas menciona os conteúdos de ensino, mas também diz quais os dias e quantos dias cada conteúdo deve ser trabalhado, além de indicar e claramente a fonte a que o professor deverá recorrer, ou seja, quais são os compêndios didáticos que deverão ser utilizados para cada ensinamento. A nota da tabela mostra a autonomia relativa dos professores diante da hierarquia apresentada, pois, se esses tiverem um número inferior de alunos, poderiam retirar os assuntos da 9ª “classe” em diante “que julgarem convenientes”. Porém, a “Bíblia” é o objeto de estudo que não pode ser retirado.

Observemos também que as “doutrinas” relacionadas à Geografia e Geometria aparecem destinadas à última “classe”, sugerindo se tratar de conteúdos de ensino mais avançados. Os compêndios indicados para essas doutrinas são: *Noções Elementares de Geografia, traduzida por Brasileiro, e Princípios de Geometria Práticas*. O princípio

da seriação, conforme observa Foucault, também está presente na rotina diária que é indicada para cada série quanto à ministração dos conteúdos de ensino determinados.

Quanto ao modo de mencionar as obras, confirma-se o que afirma Abreu (2003), pois ora essa menção ocorre só pelo nome do autor, ora só o nome da obra, ora os dois juntos. Diante desse dado e considerando as *doutrinas* mencionadas na referida lista, inferimos que *Bíblia do Tesouro de Meninas* é a obra de Leprince Beaumont e *Tesouro de Meninos* é a obra de Pedro Blanchard. Vejamos que, no primeiro caso, o termo *Bíblia* coloca a obra em uma posição superior, evidenciando a leitura privilegiada e sagrada. Esse termo também pode ser decorrente dos conteúdos que estão inseridos no compêndio, a exemplo da história sagrada, conforme veremos no terceiro capítulo.

De modo geral, esse documento nos permite concluir que havia uma reconhecida sintonia entre esses conteúdos de ensino ou “doutrinas” [denominação utilizada na tabela acima] apresentados para a realidade brasileira e os compêndios propostos, dentre os quais *Tesouro de Meninos* e *Tesouro de Meninas*. Podemos também concluir que esse documento aponta claramente para a influência de modelos franceses no contexto institucional da educação brasileira, no século XIX, a partir da origem da maioria dos compêndios indicados.

Em *O romance como guia de conduta: “A Moreninha e Os dois amores”*, Augusti (1998) apresenta-nos várias listas de catálogos que circularam em livrarias e bibliotecas e tinham um caráter prescritivo. Nessa lista, encontram-se, por exemplo, alguns compêndios que, do ponto de vista da estrutura ou do conteúdo temático abordado, convergiam com aqueles compêndios estudados, dentre os quais: *O Novo Manual do Bom Tom* (1872), *O Methodo de Ser Feliz ou Novo Catecismo de Moral* (1787), *Livro da Infância* (1885), *De civilitate Morum Puerilium* de Erasmo (1530).

Em *A tradição da civilidade nos livros de leitura no Império e na Primeira República*, Sena (2008) discute o conceito da civilidade no Império e na República brasileira. Para isso, a autora toma, além de *Thesouro de Meninos* e *Thesouro de Menina*, os compêndios *História de Simão de Nantua*, que circulou também durante o Império, e *Escola Pitoresca* de Carlos Dias Fernandes que circulou durante a República. Anterior a esse período, a autora afirma que o conceito de civilidade é oriundo dos moldes europeus, baseando-se, para tanto, na análise das obras *O Cortesão* (1528) de Baldassare Castiglione, composto de 4 livros, cujo objetivo central é instruir o nobre, por meio da conversação, ou seja, do diálogo, e *A Civilidade Pueril* (1530) de Erasmo de Rotterdam, obra dirigida ao nobre Henro de Bourgogne, príncipe de Veere, filho de

Adophe, no qual o desenvolvimento da narrativa também ocorre em forma de conversação. As duas obras mostram modelos de cortesia e civilidade que as crianças deveriam assimilar para pertencerem ou fazerem parte de determinado lugar na sociedade.

Já Ana Maria Machado, no prefácio de *Tesouro de Meninas* (2008), enfatiza a matriz em que Madame Leprince de Beaumont deve ter se inspirado:

Não é preciso ir muito longe para descobrir os modelos dessa estruturação narrativa. Além de evocarem as características do método maiêutico e os diálogos com que Platão transmitiu por escrito às gerações futuras os ensinamentos de Sócrates, convém também lembrar que a fórmula de reunir um grupo de pessoas (num ambiente fechado ou numa peregrinação) e fazê-las narrar histórias diversas era um clichê absoluto da literatura europeia havia uns quatro séculos, pelo menos. Tal estrutura já legara algumas obras-primas à humanidade – entre elas o *Decamerão*, do italiano o Giovanni Boccaccio, os *Contos de Canterbury*, de Geoffrey Chaucer, o *Pentamerão*, de Giambattista Basile. Era algo já testado e aprovado pelos leitores de diferentes países. Não surpreende, portanto, que Madame Leprince de Beaumont tenha escolhido o caminho de fundir essas duas matrizes que tanto serviam para contar histórias como para transmitir ensinamentos. (MACHADO, 2008, p.11.)

Mediante as proposições apresentadas até o momento, parece haver algo nos compêndios estudados que se repete e vigora durante séculos. Primeiro, no século XVIII fora do contexto brasileiro, depois no século XIX no contexto da instrução das crianças no Brasil. Dito de outro modo: a composição e o direcionamento interno dos compêndios estudados são oriundos de outros modelos de livros já consagrados. Acreditamos que isso justifique a ampla propagação dos compêndios franceses em território brasileiro.

Ainda considerando esse modelo geral, especificamente transposto para obras que visam ao ensinamento, torna-se relevante mencionar, além das obras referenciadas por Augusti (1998), Sena (2008) e Machado (2008), uma obra bem mais antiga: a *Gramática da Língua Portuguesa* de João de Barros, publicada pela primeira vez em 1540. Nessa obra, os diálogos também aparecem como recursos linguísticos para a aprendizagem escolar. Apesar de as condições de produções e de circulação dos compêndios *Tesouro de Meninos* e *Tesouro de Meninas*, que circularam no Brasil durante o século XIX, diferirem, a estrutura e a temática já se encontram presentes naquele livro do século XVI. Esse fato, mais uma vez, demonstra que o modo de

apresentação do conteúdo de ensino presente nesses dois compêndios não é uma construção do século XVII, utilizada no Brasil do século XIX, mas remonta a uma escrita mais antiga.

É certo que o livro de João de Barros apresenta peculiaridade em relação à organização, pois é dividido em três partes: *a Cartinha, a Gramática, o Diálogo em Louvor da Nossa Língua e Diálogo da Viciosa Vergonha*. Contudo, há uma orientação para o ensino que assinala as semelhanças a que nos referimos. Segundo Buescu (1971, p. XXXIII), para João de Barros “[...] é indispensável que o mestre – ou, antes, o educador – ensine não só as letras, mas as normas do bom viver e da boa conduta”. Mediante isso, podemos compreender que João de Barros se preocupava com as leituras dirigidas às crianças, notadamente, para a formação moral. O índice da obra evidencia bem essa preocupação moral:

TÁVOA
TÁVOA DÔ QUE SE CONTÉM NESTE LIVRO:

Introduçam pera brévemente aprender a ler.
Pater Noster e *Ave Maria* em latim e linguagem.
Credo em latim e linguagem.
 Divisám destes artigos da fé.
Salve Regina em latim e linguagem.
 Os X mandamentos da Lei e os V da Igreja.
 Os sete sacramentos da Igreja.
 As XIV óbras da misericórdia.
 As virtudes teologâes e morâes.
 Os does e frutos do Espírito Santo.
 Os imigos da alma e os V sentidos.
 Os pecádos mortâes e as virtudes contra eles.
 A bênçam da mesa e as grâças.
 Tratádo da missa.
 Oraçam à hóstia e oraçam ao cáliz.
 As orações *Obsecro te* e *Juste judez*.
 Evangelho de Sam Joám e o *Quicumque vult*.
 Os dias de jejuár e guardar, com as IV têmporas.

Gramática da Língua Portuguesa e Ortografia com que se [h]á-de-[e]screver;

Um Diálogo em louvor da nossa linguagem.
 Um Diálogo da Viciosa Vergonha.
 (BARROS, [1540], 1971, p.238).

A partir do sumário exposto, é possível depreender que há uma preocupação com os conteúdos ministrados e com uma sequência lógica de encadeamento. Primeiramente, o menino aprende a ler e a leitura está vinculada aos preceitos da religião católica.

Segundo, há o ensinamento da escrita associado aos conteúdos gramaticais. Terceiro, há os diálogos para conciliar os ensinamentos sobre a língua e a moral. Precisamente na parte *O Diálogo da Viciosa Vergonha*, percebe-se claramente a moral cristã destinada a instruir, temática essa retomada nos compêndios.

Em *Tesouro de Meninos*, essa temática também apresentada em forma de diálogos, tem o “Pai de Famílias” como o condutor da narrativa, elemento que já se fazia presente em *O Diálogo da Viciosa Vergonha*. Sobre essa questão, Augusti (2008) aponta:

É necessário notar que a distinção estabelecida entre o amor maternal e o paternal, atribuindo um papel educativo ao homem e um afetivo à mulher, encontra, de certa forma, um paralelo nos livros de conduta em forma de diálogo, pois quem ensina os filhos sobre os valores morais e o comportamento em sociedade é o pai, e não a mãe. Esta última ocupa esse lugar apenas quando se trata de dirigir-se à filha para dar-lhe conselhos que dizem respeito particularmente ao universo feminino. (AUGUSTI, 2008, p.168)

Isso é bastante elucidativo, porque em *Tesouro de Meninos* é o “Pai” quem dirige os ensinamentos a Felícia e Paulino. Já em *Tesouro de Meninas* não é uma mãe quem dirige os ensinamentos, mas Bonna, personagem que é a aia de Sensata, e ocupa-se do papel de incutir a virtude naquelas meninas que são envolvidas nos diálogos. Porém, nem todas têm a disposição para o aprendizado, a exemplo de Babiola.

Diante do exposto até o momento, o que se percebe é a estreita relação entre os conteúdos de ensino dos compêndios estudados e modelo de ensino preconizado pelas leis vigentes, em que se destacavam valores morais, difundidos na sociedade da época aos moldes europeus. Considerando ainda a educação nesse período, especificamente na Província da Parahyba, no relatório de 1861, do qual citamos a tabela em que aparecem os conteúdos de ensino, lê-se:

Julgo com tudo que algumas reformas convem fazer-se neste ramo, para que ella vá progressivamente melhorando, e apresente para o futuro resultados mais satisfactorios.
Uma das reformas diz respeito ao methodo do ensino adoptado nas escolas primarias.
Não existindo presentemente regras estabelecidas a este respeito, succede que cada Professor ensina conforme aprender, não havendo por isso a menor uniformidade no ensino.
A inconveniência de semelhante pratica é fácil de avaliar-se.
Outra reforma, a meu ver indispensável, refere-se a parte religiosa do ensino.

Se é necessário esclarecer, o fecundar as faculdades intellectuaes do homem apenas entrado na primeira idade da vida, não é menos necessário desenvolver efetivar parallelamente as suas faculdades moraes.

Enganão-se aquelles que entendem (diz um escriptor notável) que instrução é tudo, e que a educação é nada. (Relatorio... Parahyba, 1861).

Notemos que os conteúdos de ensino deveriam dar conta da instrução e da educação. Acreditamos, conforme retomaremos no terceiro capítulo, que os conteúdos dos compêndios estudados relacionados à doutrina cristã, à moral, à virtude e à civilidade estavam a serviço da educação e os demais conteúdos, a exemplos de noções de aritmética, noções de geografia e de história geral, deveriam instruir as crianças.

Diante o apresentado, acreditamos que cumprimos a função deste capítulo, ou seja, descrevemos o nosso *corpus*, bem como apresentamos dados que corroboram a circulação dos compêndios estudados em território brasileiro, associando também a relação entre os compêndios e os conteúdos escolares.

2 CAPÍTULO: OS ELEMENTOS PRÉ-TEXTUAIS: CAPAS, SUMÁRIOS, DEDICATÓRIAS E PRÓLOGOS DE LEITURA ENQUANTO LUGARES DE INFORMAÇÕES SOBRE A FORMAÇÃO DO LEITOR

Os compêndios didáticos estudados nesta pesquisa não são compostos por narrativas destinadas, inicialmente, para crianças, mas por narrativas que são oriundas de uma tradição oral, a exemplo dos contos, que originalmente eram destinados aos adultos, como discute Bettelheim (2007). Porém, ao serem inseridos nos compêndios, no século XVIII, esses contos assumem outras finalidades, ou seja, são adaptados para atingir propósitos educativos.

Desta forma, faz-se necessário verificar não apenas o conteúdo das obras, mas também o modo como o próprio suporte (compêndio) se apresenta em diferentes edições, a fim de compreender como ocorrem os processos de adaptação às novas realidades de circulação da obra, tendo vista que o conteúdo da obra como um todo, praticamente, não se altera. Nas edições de *Tesouro de Meninos* a que tivemos acesso, verificamos que o prefácio se mantém em todas as edições e as narrativas se repetem, mantendo-se, inclusive, a mesma quantidade. Nesse sentido, o processo de adaptação da “nova” edição aos novos tempos ocorre nas capas e nos prólogos, conforme demonstraremos a seguir.

Desta maneira, é importante perceber acerca dos compêndios que alguns dispositivos “[...] que resultam das decisões de editores ou de limitações impostas por oficinas impressoras” (CHARTIER, 1999, p.17), ajudam a compreender os modos de circulação dos impressos, dentre os quais o livro.

Antes, porém, julgamos necessário iniciar essa discussão sobre o suporte tecendo breves considerações sobre os autores desses compêndios. Para tanto, retomamos o que afirma Foucault quando trata da função autor:

[...] um nome de autor não é simplesmente um elemento de um discurso (que pode ser sujeito ou complemento, que pode ser substituído por um pronome, etc.); ele exerce relativamente aos discursos um certo papel: assegura uma função classificativa; um tal nome permite reagrupar um certo número de textos, delimitá-los, seleccioná-los, opô-los a outros textos. Além disso, o nome de autor faz com que os textos se relacionem entre si (FOUCAULT, 2002, p.44 e 45)

Pensando na função do autor é preciso verificar que, na configuração das capas de *Tesouro de Meninos* e *Tesouro de Meninas*, Pedro Blanchard e Leprince Beaumont,

respectivamente, são identificados/nomeados como compiladores. Compreendemos que o termo compilador remete não necessariamente para essa função autor tal definida por Foucault, mas nos permite pensar no sujeito que seleciona e reúne as narrativas e insere no compêndio, tendo por base a função muito clara de educar e a instruir. Nesse sentido, poderíamos dizer que Pedro Blanchard e Leprince Beaumont são autores/compiladores, uma vez que, por um lado, representam as obras como um todo, “asseguram uma função classificatória” para essas obras, e, por outro lado, juntam, reúnem textos de diferentes tempos e lugares para dar unidade a essas obras. Ou seja, nos compêndios estudados, esses autores/compiladores apresentam traços peculiares, na medida em que são responsáveis pela escolha das narrativas e das temáticas e, conseqüentemente, pela natureza dos ensinamentos.

Para o compêndio *Tesouro de Meninos*, faremos uma análise comparativa das capas de quatro diferentes edições, objetivando observar as indicações dos autores, como também dos editores da obra. Já para *Tesouro de Meninas*, pelos motivos já citados, analisaremos as capas de 1846 e 2008. Nessa perspectiva, consideramos relevante citar Chartier (1999, p.7) para quem:

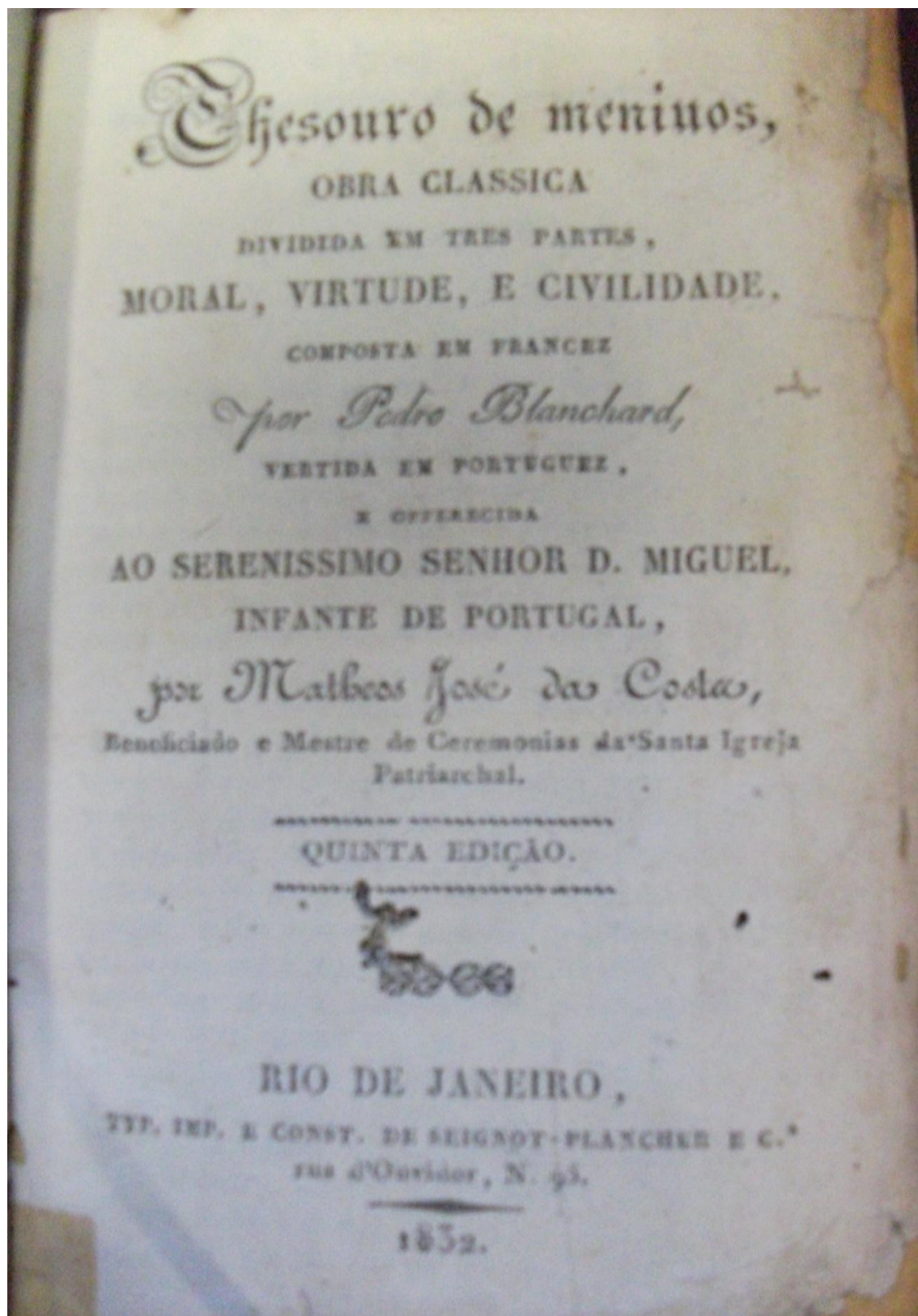
O autor, o livreiro-editor, o comentador, o censor, todos pensam em controlar mais de perto a produção do sentido, fazendo com que os textos escritos, publicados, glosados ou autorizados por eles sejam compreendidos, sem qualquer variação possível, à luz de sua vontade prescritivas.

2.1 Compêndio *Tesouro de Meninos*

Do ponto de vista da materialidade da obra em análise, apresentaremos as edições de 1832, 1851, 1881 e 1902 da obra *Tesouro de Meninos*, com o objetivo de analisar os procedimentos mais gerais, no que diz respeito à organização da macroestrutura do suporte, presentes nessas edições. Considerando as edições a que tivemos acesso, interessa-nos observar o que se diferencia e o que se repete. Do ponto de vista da organização geral, verificamos que, nessas quatro edições do compêndio *Tesouro de Meninos*, há elementos que se repetem em todas, tais como: o prefácio do autor, as temáticas da moral, da virtude e da civilidade e os diálogos como modo de apresentação dessas temáticas. Considerando especificamente o suporte e sua configuração, identificamos diferenças que interessam para a formação de um determinado leitor. Portanto, nesse momento, passaremos a analisar as capas das

edições, seguindo a leitura sugerida por Chartier (1999; 2003). Passemos à análise da capa da edição de 1832:

Figura 2: Capa de *Thesouro de Meninos* da edição de 1832.



Fonte: BLANCHARD, 1832.

Nessa capa, temos o título da obra; as partes em que a obra está dividida; o autor da obra; o oferecimento da versão vertida em português; o tradutor, seguido de breve identificação, explicitando sua relação com a igreja; a indicação da edição; a cidade de publicação da obra e o endereço; o ano de publicação. Ou seja, logo na capa, o leitor é informado de que o compêndio *Tesouro de Meninos* é uma obra “composta em” francês por Pedro Blanchard e “vertida em portuguez” por Matheus José da Costa, ou seja, trata-se de uma tradução de um compêndio didático, dividido em três partes, cujas temáticas organizadoras são a moral, a virtude e a civilidade.

Notemos que há uma letra diferenciada em toda a estrutura da capa para marcar essas informações. O título *Thesouro de Meninos*, a primeira informação da parte superior, aparece em fonte maior e com letras ornadas. Logo em seguida, a adjetivação dessa obra (obra clássica) e seus assuntos são grafados com letras maiúsculas, de igual tamanho e formato: “OBRA CLASSICA DIVIDIDA EM TRES PARTES, MORAL, VIRTUDE, E CIVILIDADE”. Esse aspecto tipográfico coloca, portanto, em primeiro plano o título da obra e o seu conteúdo básico, fato que justifica, inclusive, as várias referências à obra cujo autor nem sempre é nomeado e cujo tradutor nunca é citado. Essa hierarquia mantém-se em todas as outras edições analisadas, alterando-se apenas o tipo de letra utilizada.

Vale ainda ressaltar que o adjetivo “clássica” inserido na capa já nos indica um modo de circulação da obra, enquadrando-a em um contexto que remete para uma escrita de determinada época e algo que permanece ao longo dos séculos. Barbosa (2005, p. 36), ao discutir os vários sentidos de “clássico”, remete para as diferentes acepções presentes em Houaiss (2002), dentre as quais se destaca: “[...] nos séculos XVII e XVIII, *classicus* é o autor lido e comentado nas escolas, sentido que se originou no baixo latim, quando o vocábulo foi associado às classes escolares [...]”. Nesse sentido, “Obra clássica” pode ser lida como obra destinada “às classes escolares”, à escola.

O nome do autor Pedro Blanchard aparece com uma letra ligeiramente diferenciada daquela usada para Matheus José da Costa, “Beneficiado e Mestre de Ceremonias da Santa Igreja Patriarchal”, que verte a edição para o português. Entre o nome de Pedro Blanchard e Matheus José da Costa, aparece um termo intermediário “a menção da pessoa a quem se dedica” a obra: “AO SERENISSIMO SENHOR D. MIGUEL, INFANTE DE PORTUGAL”.

Chartier (1999; 2003) demonstra como esse gesto de dedicatória está ligado ao modo de circulação e de recepção das obras. Para tanto, ele analisa a capa de uma das primeiras edições de *Dom Quixote*, chamando a atenção para o fato de que esse procedimento está relacionado à própria noção de autor à época de Cervantes. Desse modo, Chartier (2003) defende que a prática de oferecimento do livro a uma personalidade importante não pode ser desligada da história mais geral de circulação da obra e de sobrevivência do autor e que se perpetua por muito tempo. Vejamos que essa prática ainda se faz presente no século XIX. Como se observa nesta edição de 1833 do compêndio didático *Tesouro de Meninos*, a dedicatória da obra é feita “AO SERENISSIMO SENHOR D. MIGUEL, INFANTE DE PORTUGAL”. O pronome de tratamento “senhor” é antecedido do adjetivo sereníssimo e seguido do nome próprio, “D. Miguel”, e de uma adjetivação (“infante de Portugal”) que assinala a sua posição social. Conforme Chartier (2003):

[...] em troca do livro dedicado, oferecido e aceito, obriga aquele que recebe a dedicatória a dar proteção, emprego ou retribuição. Em um tempo em que o mercado das obras não está ainda fortemente estabelecido para permitir aos homens das letras ou do saber que vivam de sua pena, as graças dispensadas por um patrão generoso são o único meio de obter condição social e remuneração. (CHARTIER, 2003, p.77 - 78)

A dedicatória desse compêndio didático ao “filho do rei” de Portugal é justificada por Hallewell (1985) nos seguintes termos:

A Imprensa Régia produziu mais algumas obras úteis além das que se referem a questões militares. Entre elas, estimamos como a de maior valia o *Thesouro dos meninos*, que trata de ‘moral, virtude e boas maneiras’. Com muita propriedade ele foi dedicado a Dom Miguel, segundo filho do Rei, pois que não há menino que tanto necessite dos seus ensinamentos como esse; sua educação foi mui limitada e infeliz. (HALLEWELL, 1985, p.37, grifos nossos)

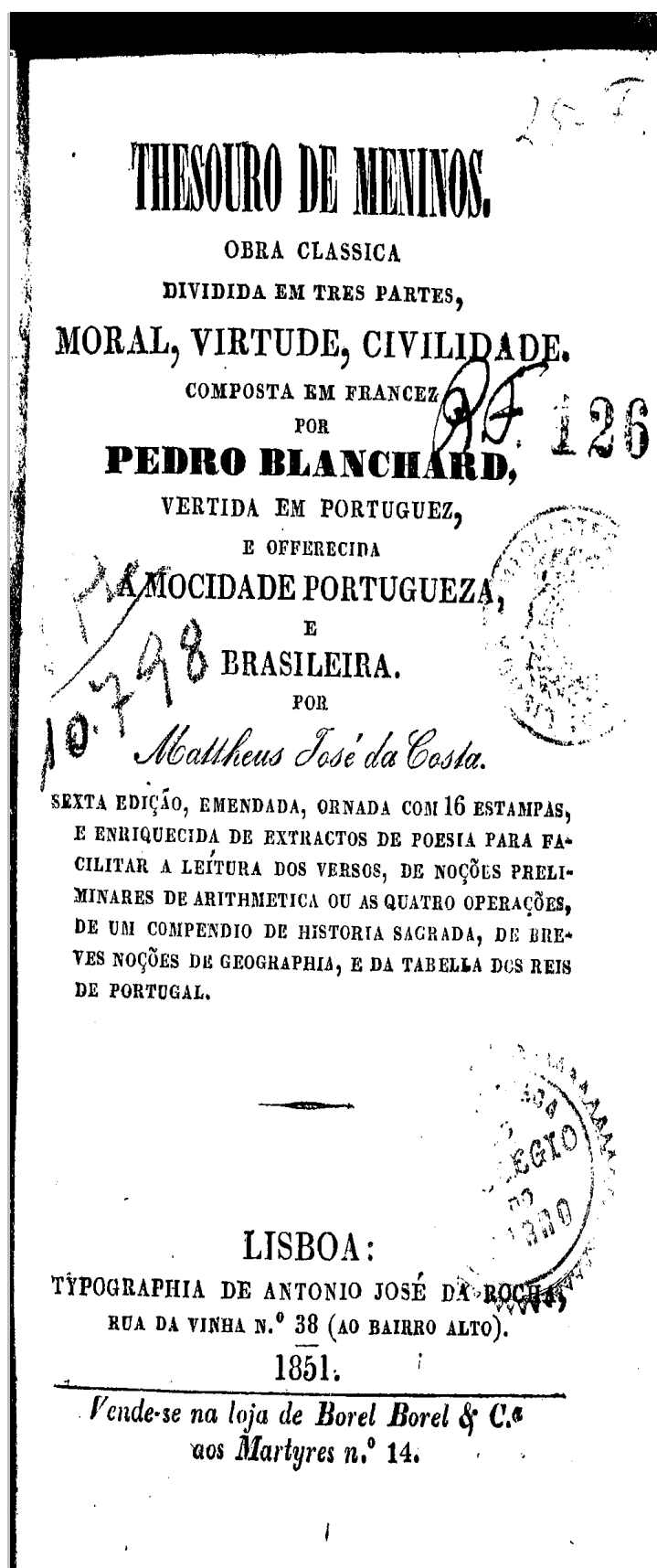
Inicialmente, o autor deixa claro que considera essa obra tão útil quanto aquelas “que se referem a questões militares”; em segundo lugar, sugere ser a dedicatória adequada porque a obra destinava-se à formação do Infante cuja “educação foi mui limitada e infeliz”. Se, por um lado, essa compreensão reforça a importância da obra para a formação dos meninos, por outro, é preciso dizer que ela não dá conta das

funções da dedicatória tal qual analisa Chartier (2003), principalmente no que diz respeito à economia da obra.

Quanto aos elementos que indicam a circulação da obra, “a marca do impressor” é destacada pela edição, a cidade de publicação, a tipografia, o endereço e o ano: “QUINTA EDIÇÃO, RIO DE JANEIRO, TYP. IMP. E CONST. DE SEIGNOT-PLANCHER E C.^a, rua d’ Ouvidor, N, 95, 1832”.

No que tange à tipografia, consideramos relevante apresentar algumas informações. Segundo Hallewell (1985), Plancher vem da França e instala-se no Rio de Janeiro, onde tem isenções de impostos. Ele possui uma boa relação de negócios com D. Pedro I e tal fato é de extrema importância para que o editor publique a constituição, publique ficção, periódicos, revistas, livros. O autor assinala essa estreita relação ao afirmar que: “D. Pedro I, que lhe concedeu o título de Impressor Imperial três meses após sua chegada (daí seu uso do nome Typographia Imperial e Constitucional)”. (HALLEWELL, 1985, p.70).

Passemos à análise da capa da edição de 1851, portanto, quase duas décadas depois da edição anterior:

Figura 3: Capa de *Thesouro de Meninos* da edição de 1851.

Na edição de 1851 do compêndio, o título *Thesouro de Meninos* surge com formato de letras mais sóbrio que a letra da edição anterior, contudo, continua mais evidenciado em relação às demais informações contidas na presente capa. Novamente, o nome do autor da obra, Pedro Blanchard, aparece bastante destacado em relação ao do tradutor Matheus José da Costa. A marca do impressor continua sendo destacada pela edição, cidade de publicação, tipografia, endereço e ano, “LISBOA, TYPOGRAPHIA DE ANTONIO JOSÉ DA ROCHA, rua da vinha, nº38 (ao bairro alto), 1851”.

Cabe ainda lembrar que cada sujeito – autor, tradutor e tipógrafo – exerce um papel diferenciado na constituição de uma obra, como nos lembra Dartorn (2010). Neste sentido, compreendemos que a dimensão tipográfica deixa esses papéis bem definidos. Vejamos que sobressai a figura do autor e do tradutor, como responsáveis, portanto, pela transmissão dos saberes.

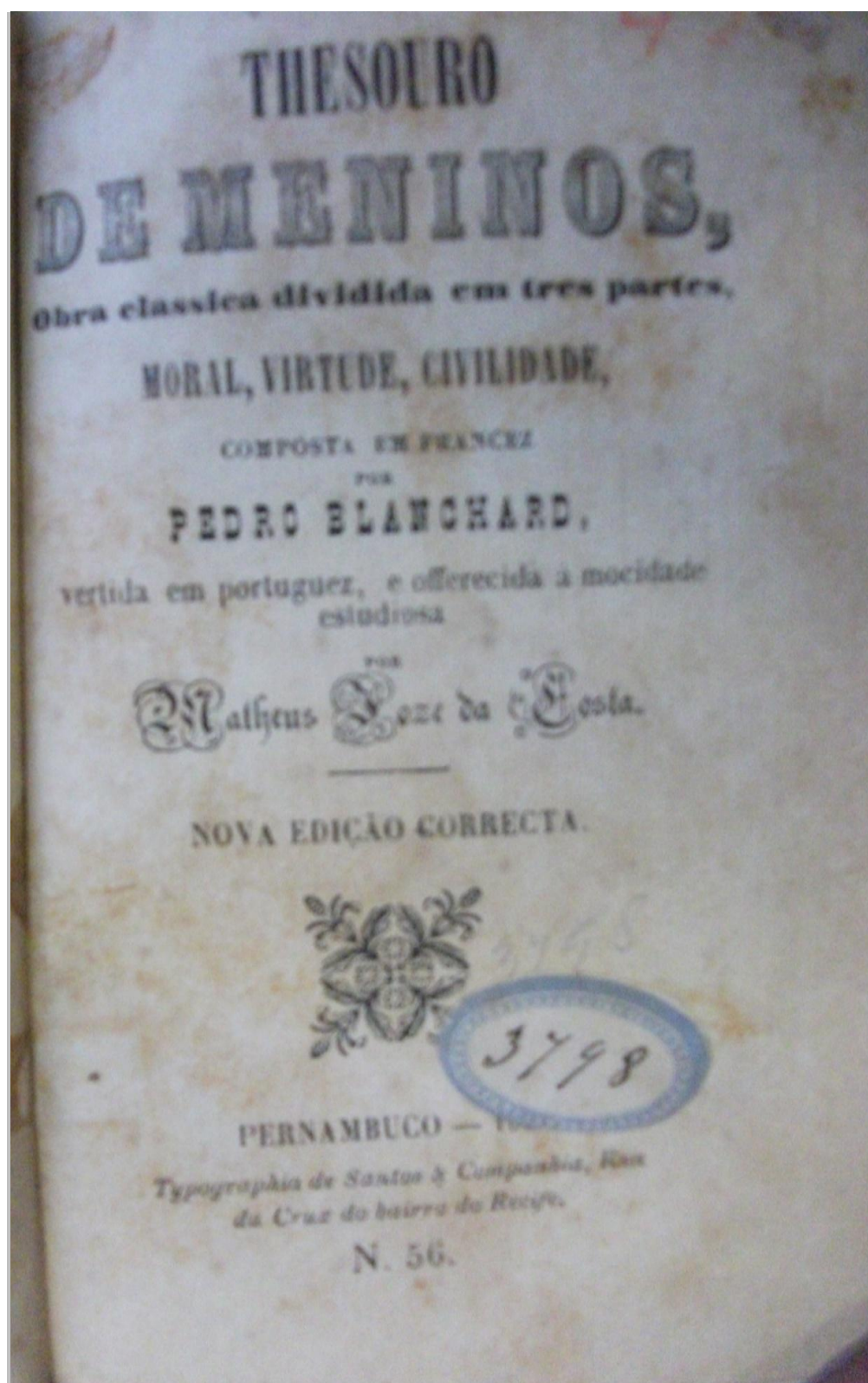
Nesta edição, a figura a quem a obra é oferecida está colocada entre o autor e tradutor e encontra-se totalmente modificada: “A MOCIDADE PORTUGUEZA E BRASILEIRA”. Não mais temos um indivíduo que representa o todo, mas o todo sendo representado. Essa troca indica mudanças históricas que precisam ser observadas. Isso revela que já não mais fazia sentido dedicar a obra ao regente, até mesmo porque D. Miguel não era mais um infante, tendo em vista as modificações históricas. Logo, a dedicatória precisava ser atualizada, uma vez que essa edição de 1851 ocorre duas décadas depois da edição de 1832.

Essa modificação da dedicatória é também acompanhada de outra mudança significativa relativa aos conteúdos de ensino. Anteriormente, na edição de 1832, só temos no compêndio os assuntos sobre a moral, a virtude e a civilidade. Nesta edição de 1851, novos conteúdos já são inseridos, como a História de Portugal e do Brasil, aspecto que evidencia a adequação dos conteúdos ministrados à nova realidade do país marcando uma nova relação entre a metrópole e a colônia.

Diferentemente da edição anterior, essa edição de 1851 traz na capa uma espécie de sumário da obra: “SEXTA EDIÇÃO, EMENDADA, ORNADA COM 16 ESTAMPAS, E ENRIQUECIDA DE EXTRACTOS DE POESIA PARA FACILITAR A LEITURA DOS VERSOS, DE NOÇÕES PRELIMINARES DE ARITHMETICA OU AS QUATRO OPERAÇÕES, DE UM COMPÊNDIO DE HISTORIA SAGRADA, DE BREVES NOÇÕES DE GEOGRAPHIA, E DA TABELLA DOS REIS DE PORTUGAL”.

Vejamos a capa de outra edição:

Figura 4: Capa de *Thesouro de Meninos* da edição de 1881.



Fonte: BLANCHARD, 1881.

Nesta edição, como se trata da mesma obra, repetem-se todas as informações antes referidas. O título da obra *Thesouro de Meninos* é novamente destacado das

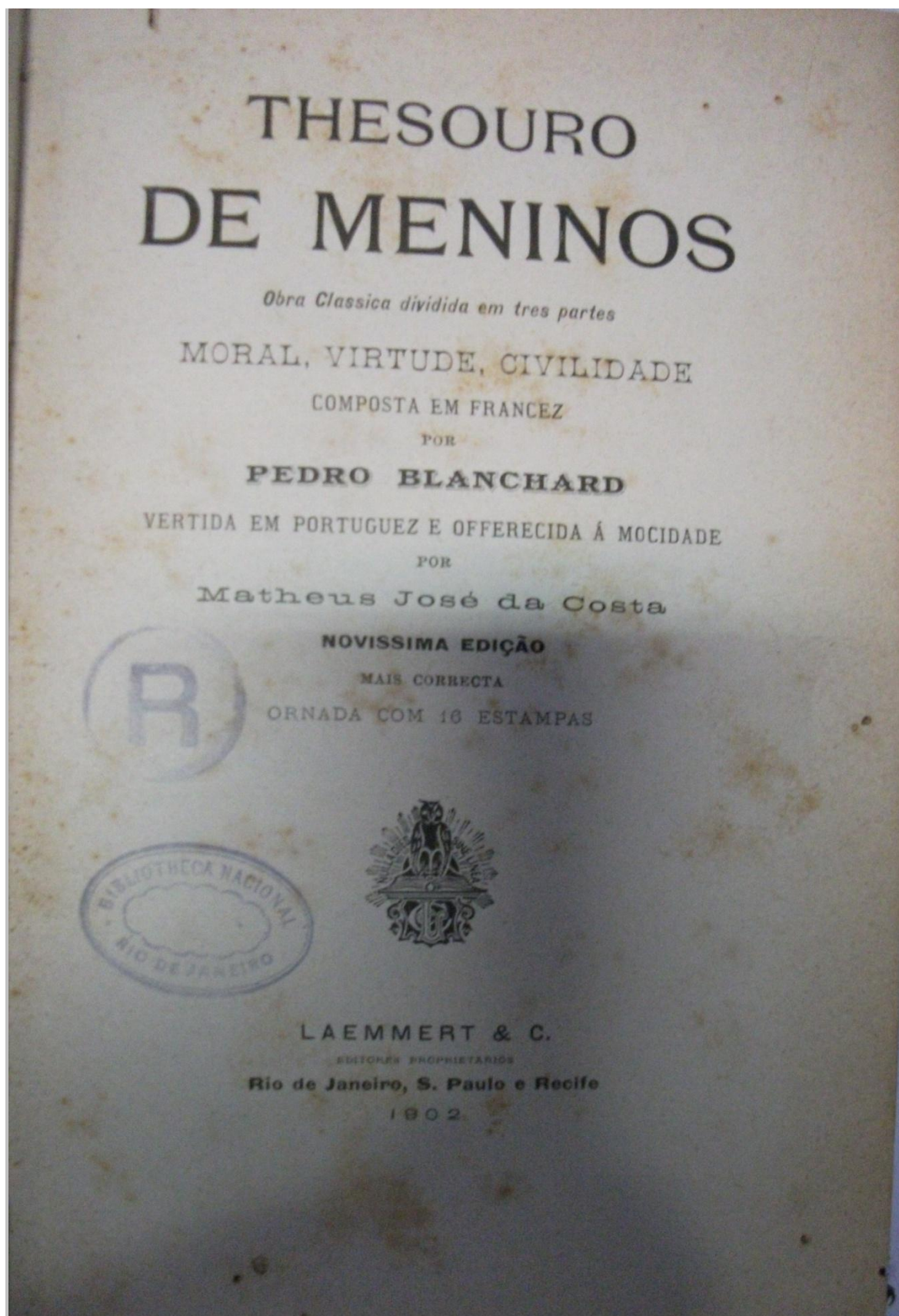
demais partes da configuração da capa. Há destaque também para os assuntos: “Obra classica dividida em tres partes, MORAL, VIRTUDE, CIVILIDADE”. O nome de Pedro Blanchard é novamente diferenciado do nome de Matheus José da Costa, que verte a obra em “portuguez, offerecida à mocidade estudiosa”, e não mais “a mocidade portuguesa e brasileira”, como na edição anterior estudada. Essa nova dedicatória (“offerecida a mocidade estudiosa”) aparece bastante genérica, dado que desaparecem os adjetivos que remetiam para as duas nações. Ou seja, quanto à dedicatória, não se percebe mais uma particularização relacionada às nações, mas uma generalização que garante a circulação da obra entre a “mocidade estudiosa”, de qualquer nação. Verifica-se, nesse processo, uma mudança na figura do mecenato que está marcada apenas na primeira edição analisada.

Outra mudança que se verifica na capa dessa edição está relacionada à tipografia. A Typographia de Santos & Companhia, responsável pela publicação dessa edição *Tesouro de Meninos* de 1881, faz parte da história do livro no território brasileiro:

Só uma tipografia de Recife é apontada como tendo seguramente produzido livros: A União, de Santos e Cia., fundada em 1836 pelo padre Ignacio Francisco dos Santos e que durou algumas décadas. Carvalho faz referência a suas “primorosas e correctissimas edições dos classicos nacionaes e estrangeiros... hoje tão raras quão disputadas pelos bibliofilos”, e Rubens Borba de Moraes destaca *Lourencinho*, de Dumas, e *A Lyra erotica*, de Antônio Ribeiro Saraiva (ambos de 1839) como dignos de uma menção especial. (HALLEWELL, 1985, p.117. Grifos do autor).

A simplificação dos elementos gráficos da capa pode ser ainda evidenciada na edição de 1902:

Figura 5: Capa de *Thesouro de Meninos* da edição de 1902.



Fonte: BLANCHARD, 1902.

A mesma disposição do título da obra, do autor e do tradutor se mantém, contudo, mais uma vez o oferecimento é diferenciado: *OFFERECIDA À MOCIDADE*. Desaparece o adjetivo “estudiosa”, presente na edição anterior. Compreendemos que essas diferenciações acompanham as modificações dos momentos históricos relacionados à educação e às relações entre as nações portuguesa e brasileira.

A marca do impressor também se modifica: “Laemmert & C. Editora Proprietários”, seguida das cidades de publicação, Rio de Janeiro, S. Paulo e Recife. Nesse momento, constatamos que não temos mais tipografias responsáveis pela publicação dos compêndios, mas sim uma editora, o que evidencia as transformações ocorridas na produção do suporte compêndio ao longo desse período de publicações.

Desta forma, podemos entender que o compêndio *Tesouro de Meninos* acompanhou um processo de mudança da tipografia para editora. Vejamos ainda que surge a informação: “NOVISSIMA EDIÇÃO MAIS CORRETA ORNADA COM 10 ESTAMPAS”. Há ainda a figura de uma coruja, que remete ao símbolo da sabedoria¹².

A dimensão tipográfica da capa sugere que a editora Laemmert teve filial no Rio de Janeiro, Recife e São Paulo. Em relação à presença da Laemmert no Brasil, Hallewell (1985, p. 163) informa que “A oficina tipográfica de Laemmert foi inaugurada a 2 de janeiro de 1838 na rua Lavradio nº. 53, mudando-se na década de 50 para a rua dos Inválidos n.71.” e ainda:

Em 1891 a firma foi reorganizada com o nome Laemmert & Companhia, com um capital de 1,350:000\$000. Em 1898 ela possuía filiais em São Paulo e Recife. Em 1903 houve uma nova mudança de sócios quando Edgon Laermmet foi sucedido por seu filho Hugo e Gustave Massow por seu irmão Hilário. (HALLEWELL, 1985, p.175).

De modo geral, constatamos que “[...] na própria construção do espaço visual da página estão assim articulada várias realidades menos contraditórias e mais precoces do que às vezes pensamos” (CHARTIER, 1999, p. 47 e 48) que nos permitem entender os conteúdos, os responsáveis pela instituição de um discurso sobre esses assuntos vigentes, bem como o destino das obras.

As capas das quatro edições de *Tesouro de Meninos* revelam práticas de escrita em conformidade com o seu tempo e, como vimos, essas capas envolvem diversos

¹²O *Dicionário de símbolos* de Becker (1999, p. 76 - 77) registra vários significados para a coruja, dentre os quais, destacamos: “símbolo da sabedoria que penetra a escuridão do não-saber, e assim se tornou o emblema da deusa grega das ciências Atena”.

intermediários, para utilizar os termos de Darnton (2010), tais como: o autor, o tradutor e o tipógrafo – cada um é responsável por um papel dentro da obra.

Verificamos ainda que as capas desse compêndio permitem o acompanhamento de um processo de significação de um compêndio didático durante o período imperial e o começo do período republicano no Brasil. O compêndio *Tesouro de Meninos* circulou, pelo menos, 100 anos, no território brasileiro. Além disso, também verificamos que os dados configurados nas capas, certamente, informam acerca de um determinado leitor a que os responsáveis pelas obras desejavam atingir.

Passemos a outros aspectos que marcam diferenciações entre as edições: o prólogo. Em *Thesouro de Meninos* (1832), temos:

Quando pela primeira vez dei à luz da Impressão este meu trabalho, busquei amparar-me do Augusto Nome de Vossa Alteza Sereníssima, para que a Obra não porvesse tão defeituosa, respeitando aos censores o Alto Nome da Vossa Alteza Sereníssima antes de considerarem os meus erros; mas não foi só este o meu alvo: tive em vista principalmente apresentar a Vossa Alteza Sereníssima hum tributo de reconhecida gratidão, devido por mim a Vossa Alteza Sereníssima como seu criado immediato, empregado então Mestre de Cerimonias da Real Capella Bemposta, quando foi creada em Collegiada Insigne aonde trabalhei com zelo, e forças, que os meus conhecimentos permittirão, para satisfazer o meu ministerio, e responder à honra sem preço de ser honrado por Sua Majestade, não havendo em mim virtude para tanto merecimento. (COSTA, 1832)

Neste prólogo do tradutor é possível verificar a reiteração daquilo que contém na capa de 1832, a dedicatória a D. Miguel, claramente pedindo-lhe amparo e proteção: “De então logo previ que a obra havia de ter a acceitação do público, tanto pela honra que Vossa Alteza Sereníssima lhe fazer acceitando-a e protegendo-a”. Verifiquemos que o tradutor, inicialmente, fala do amparo que o “Augusto Nome de Vossa Alteza Sereníssima” oferece, principalmente protegendo-o dos “censores”, como também demonstra “a gratidão”, pelo cargo desempenhado de “Mestre de Cerimônias da Real Capella da Bemposta no Collegiada Insigna”. O tradutor ainda destaca que trabalhou de forma correta para merecer o cargo eclesiástico desempenhado, ou seja, ele valida de certa forma o merecimento para ser tradutor de uma obra tão importante para a instrução dos meninos em diferentes nações. Desta forma, o prólogo não apenas mostra a autoridade e o exercício do trabalho do tradutor, mas também justifica e valida a função que ele exerce na obra.

Outro elemento que não aparece nas outras edições é um “aviso” que se encontra localizado em uma folha posterior à capa da edição de 1832:

Aviso

Quando começou-se a impressão d’este livro, os Editores fizeram ajuste com hum cravador por dezesseis estampas, que havião de ser collocadas nos lugares já designados. Poré, morreo o artista, antes de ser finalizado a sua obra; e o desejo de satisfazer, em o tempo mais breve possível, às encomendas que lhes forão dirigidas, não permittio aos Editores o differirem a publicação, até que se fizessem outras estampas.

Neste “aviso” há um aspecto fundamental: a figura do autor e do editor. Os editores informam sobre estampas que haviam sido ajustadas “com hum cravador” e que não puderam ser concluídas a tempo devido à morte desse artista. Para que a publicação fosse diferenciada, outras estampas foram encomendadas. No prólogo de Matheus José da Costa a essa edição, há uma referência à estampa da capa: “[...] empreendi esta terceira edição, e não a deixei passar sem lhe pôr a mão com algum cuidado mais, e sem guardar com huma Estampa no Frontispício, que julguei faltava neste lugar, para offerecer à primeira vista huma idea interessante, e luminosa da utilidade da Obra, fazendo-a digna, quanto cabe a mim, de ser posta na Augusta Presença de Vossa Alteza Sereníssima”. Notemos que o tradutor assume a responsabilidade pela escolha da estampa da capa e justifica esse uso, mais uma vez apelando para a figura do mecenas “Vossa Alteza Sereníssima”. As estampas mencionadas no aviso, contudo, parece que deveriam ser “collocadas nos lugares já designados” no interior da obra. É interessante registrar que estampas no interior da obra aparecerão na edição de 1851, isto é, só duas décadas depois é que podemos verificar a consolidação desse desejo dos editores anunciado na edição de 1832.

A edição de *Thesouro de Meninos* de 1902 traz uma nota da editora (Laemmert & C.) que, tendo em vista o acréscimo de conteúdo, é bastante esclarecedora:

Os Editores - Proprietários da presente Edição Brasileira se esmerarão em tornar a presente Obrinha cada vez mais digna dos seus jovens leitores, ajuntando-lhe uma escolha das Máximas do Marquez de Maricá, os Principaes descobrimentos modernos geographicos, Noções preliminares de Arithmetica, Compêndio da História Sagrada, Summario da Historia Universal, emendado e completando as Noções de Geographia, principalmente no que diz respeito ao Brasil, e juntando-lhe finalmente Estampas novamente desenhadas, que sem

duvida serão devidamente apreciada à vista das anteriores edições do *Thesouro de Meninos*. Laemmert & C.

Primeiramente, a nota da “editora” marca a mudança da tipografia (edições de 1832, 1851, 1881) para a editora na edição de 1902. Os “Editores – Proprietários da presente Edição Brasileira” – tomaram a obra para si, ou seja, assumem explicitamente a propriedade da obra e também assumem a responsabilidade pelos acréscimos apresentados. Nesse sentido, sai de cena a figura do autor e do tradutor e entra em cena a figura do editor. Embora o tradutor continue sendo o mesmo, as mudanças são dos novos proprietários da obra. Embora não seja nosso objetivo entrar em maiores detalhes, é preciso registrar que esse fato espelha uma nova realidade e uma nova configuração na relação autor, tradutor e editor.

O ano de publicação do compêndio, em 1902, já marca a euforia do período republicano. Pensamos que esse fato é relevante para a inclusão de novos conteúdos, como as “Máximas do Marquez de Maricá, os Principaes descobrimentos modernos geographicos” e, principalmente, “emendando e completando as Noções de Geographia, principalmente no que diz respeito ao Brasil.” Ou seja, era preciso adaptar a obra ao novo cenário, corrigindo informações, acrescentando outras. Registramos que os conteúdos principais da obra permanecem: a moral, a virtude e a civilidade e os outros conteúdos não diferem totalmente das versões anteriores. A inclusão das “Máximas do Marquez de Maricá” reforçam esses conteúdos da moral, da virtude e da civilidade.

No que se refere a essas máximas, inseridas pelo editor como uma espécie de apêndice, lembramos que seu autor, o Marquês de Maricá¹³, era um homem envolvido com as questões de legitimação de entrada de obras no território brasileiro. Compreendemos, portanto, que a inserção dessas máximas contribui para legitimar a circulação da obra no início da República no Brasil, tendo em vista a posição política do Marquês. Além disso, essa versão de *Tesouro de Meninos* (1902) apresenta-se, pelo menos do ponto de vista da compreensão do editor, como sendo superior às edições anteriores, com “estampas novamente desenhadas, que sem duvida serão devidamente apreciada à vista das anteriores edições do *Thesouro de Meninos*.”

¹³ [...] vários homens de letras nascidos na América portuguesa, como os futuros visconde de Cairu (José da Silva Lisboa) e *marquês de Maricá* (José Mariano da Fonseca), exerciam o cargo de censor. Ao longo do tempo foram elaboradas listas com títulos e critérios para a interdição de obras. Entravam parâmetros religiosos, políticos e morais – numa atitude não muito diferente do que ocorria (com diferentes gradações) em todas as partes do mundo ocidental, embora em alguns países os impressos florescessem em maior quantidade. (MOREL, 2012, p. 23 - 24, grifos nossos).

A nota da editora Laemmert & C. Costa é de certa forma reforçada pelas ideias contidas na dedicatória de Matheus José da Costa cujo trecho transcrevemos a seguir:

Quando pela primeira vez dei à luz a Impressão deste meu trabalho, tive em vista fazer uma obra útil para a educação da mocidade, tanto Portuguesa como Brasileira, e logo previ que esta minha obra havia de ter boa aceitação do público, por conter doutrinas gravadas no coração dos homens pela Natureza e pela Razão, a que elles não podem resistir, e porque o methodo ou arte de expor estas doutrinas é muito acomodado à volubilidade espirituosa de ambas as Nações.

Tive a ventura de me não enganar, e de ver adoptar e receber este Livro em quasi todos os Collegios de Educação, de sorte que já consumirão várias edições; e é isto uma honra para os nossos costumes, que, apesar da desenvoltura do século, ainda se prêza e ama a Moral, a Virtude e Civilidade; ou antes esta parte da Educação da Mocidade é tão essencial e necessaria à Sociedade que a mesma corrupção a respeita e promove, e quer a sua doutrina.

Se este lugar o permittisse, eu diria que, agradecido à fortuna de ter acertado com um presente útil do gosto das duas Nações, emprehendi esta nova edição, e não a deixei passar sem lhe addicionar um pequeno Tratado de Geografia Geral, que julguei não só ser de grande utilidade à mocidade, mas muito analogo a fazer seguimento ao Thesouro, por ser dos primeiros estudos a que se deve dedicar a Mocidade depois de saber ler com perfeição, fazendo assim mais digna quanto em mim cabe de novamente a apresentar à Mocidade estudiosa de um e outro Paiz. (COSTA, 1902.)

Notemos que Matheus José da Costa destaca que a obra está sendo “útil para a educação da mocidade, tanto Portuguesa como Brasileira, com boa aceitação”, porque contém “doutrinas gravadas no coração dos homens pela Natureza e pela Razão”. O tradutor português também revela que já foram impressas várias edições e os livros foram adotados “em quase todos os colégios de educação”. Isso nos permite concluir que os temas relacionados à “moral, à virtude e à civilidade”, comuns a todas as edições do compêndio, fazem parte dessas “doutrinas gravadas no coração dos homens”, sendo considerados, portanto, “essencial e necessária à Sociedade” a educação nesses princípios.

Ainda sobre a dedicatória, o tradutor destaca a inserção do conteúdo de Geografia afirmando: “não a deixeis passar lhe adicionar um pequeno Tratado de Geografia Geral, que julguei não só ser de grande utilidade à mocidade, mas muito análogo a fazer seguimento ao Thesouro”. É importante lembrar que esse é um assunto que já estava presente na edição de 1851, o que evidencia o ensino da disciplina durante o Império. No final da dedicatória, Matheus José da Costa trata dos primeiros estudos, lembrando que o menino “deva saber ler com perfeição”, isto é, a leitura tem um papel

privilegiado nos compêndios didáticos. Por isso, há tantas narrativas nos compêndios para explicitar ações e mostrar regras de comportamento.

Considerando essas narrativas, apenas a edição de *Thesouro de Meninos* (1881) apresenta um gênero diferente: a Cantata¹⁴, ou seja, uma narrativa para ser cantada. A cantata, intitulada *A Creação* e de autoria de A.P. de S. Caldas¹⁵, é distribuída em quatro recitativos e quatro árias e está localizada no final do compêndio. Acreditamos que a cantata funciona como um apêndice e demonstra práticas de leituras diferenciadas dentro da instituição escola, com a presença de um texto para ser cantado.

De posse das configurações da capa e após apontar algumas diferenciações na configuração geral das edições a que tivemos acesso nesta pesquisa, passaremos a investigar um elemento comum a todas as edições que nos remetem especificamente para a concepção acerca da formação do leitor: o prefácio do autor.

Esse prefácio é um elemento que se repete em todas as edições estudadas nesta pesquisa. Como ele indica um modo de ler a obra, passemos a algumas considerações. Blanchard inicia sua argumentação discutindo sobre as pessoas virtuosas que não frequentam as escolas e não descuida em argumentar sobre a utilidade das pessoas que frequentam a instituição escolar:

O Estudo dos nossos deveres é sem dúvida um estudo extremamente útil, e que nem os Pais, nem os Mestres poderão desprezar, sem se constituírem réus de grave culpa. É certo que encontramos muitas pessoas honradas, e virtuosas, que não entrarão no trabalho de estudar o que é honra, nem o que é virtude: e é isto uma dessas providencias admiráveis do Ente Soberano, que de tal modo dispôz as cousas, que por mais ignorantes que sejamos, nunca o somos tanto que não possâmos distinguir o bem do mal: entre duas pessoas, igualmente intencionadas; aquellas que tiver reflectido mais sobre os seus deveres, que mais se tiver deixado penetrar da sua importância, e que, finalmente, mais se tiver convencido do perigo de os não seguir, esta, digo, se inclinará mais decidamente a estes deveres, preenche-los-há com mais exactidão, e gozará de uma duplicada satisfação tanto mais viva, quanto melhor conhecer toda a extensão do bem, que tem feito; esta única razão seria bastante para provar a importancia deste estudo” (BLANCHARD, 1851, p. VII - VIII)

¹⁴ Houssais (2010) apresenta as seguintes definições do termo: Cantata *s.f.* 1 composição vocal-instrumental, freq, religiosa, em vários movimentos (‘parte’). 2 poema para ser cantado. Recitativo *adj.* 1. próprio para ser declamado – *s.m.* 2 trecho de ópera, oratório ou cantata em que o cantor declama o texto. Ária *s.f.* movimento ou parte de uma ópera, cantata ou oratório, para voz solista.

¹⁵ Não obtivemos informações acerca do autor citado.

A preocupação com a idade ideal para as crianças frequentarem a escola está também presente neste prefácio:

Nunca é cedo para começar aos meninos: logo que seu espirito se sinta com bastante força para avaliar as suas acções, é preciso dirigir-lhas para o bem pelas luzes da própria razão. Intentar isto antes desta época seria desgostá-los com perda certa; guardar para mais tarde, é correr risco de achar o lugar occupado por algum mau princípio, ou alguma inclinação viciosa: a empreza viria então a ser mais difficil, e por isso menos fructuosa. (BLANCHARD, 1851, p.VIII)

Quanto à idade cronológica, o autor não deixa explícita. Porém, ele adverte que não pode começar cedo demais, porque “seria desgostá-los com perda certa” e não poderia começar tarde demais para que a criança não adquirisse nenhum vício. Isso seria “correr risco de achar o lugar occupado por algum mau princípio, ou alguma inclinação viciosa”.

Essa mesma preocupação está igualmente presente na dedicatória do editor Joaquim Ignacio de Frias do compêndio *Tesouro de Meninas*:

Antes sendo V. EXCELLENCIA a primeira, que mais me interessa, e deseja ver nas primeiras idades aquella ingênua, e nobre educação, que deve acompanhar os seus inocentes costumes, e que he capaz de fazer-lhes perder, logo depois das mantilhas, todas as más inclinações, e dirigillas de tal modo, que a Pátria se glorie de havellos produzido no seu grêmio [...]” (FRIAS, 1851. Prólogo).

Indo à *Gramática da Língua Portuguesa* de João de Barros (1540), constatamos esse aspecto da idade apontado, especificamente, no prefácio de Buescu (1971):

As plantas nóvas, pera prender com viva raiz, nam quérem lógo o férro ao pé. Depois que sam duras e bem enramadas, entám lhe convém o podám, pera âs desafogár [...] tál deve ser o artifício para plantár doutrina àsprea em natureza tenrras como é o intendimento de mimosos. (BUESCU, 1971, p. XXXIII e XXXIV).

Logo, percebemos que a preocupação com a idade é um discurso que se repete, pois na tenra idade é possível inculcar os bons preceitos a partir da perspectiva dos responsáveis pela instituição escola. Há ainda a preocupação, nos prólogos de leitura indicados nas obras, de que os conteúdos expostos não causem exaustão nas crianças, a fim de que elas possam progredir em seus estudos, como também se tornarem cidadãos

virtuosos. A publicação da *obra*, alicerçada nos “princípios da Moral, da Virtude, e da Civilidade”, é assim justificada:

Bem sei que já temos muitos livros sobre estes tres objectos; mas não conheço um só que os compreenda todos, e que mostre as relações essenciaes, que existem entre eles: o meu trabalho por tanto, a este respeito, é inteiramente novo, e oferece um fim mais útil. (BLANCHARD, 1851, p. IX).

O autor abarca o assunto que é recorrente, durante o período, para instrução em uma só obra. Além disso, acrescenta que o seu trabalho, por mostrar as relações essenciais entre os conceitos, caracteriza-se como “inteiramente novo”. Nesse sentido, o autor reconhece a existência de outros compêndios que tratam da mesma temática, mas destaca sua obra como a única que apresenta “os tres objectos (Moral, da Virtude, e da Civilidade)” em um só volume.

2.2 Compêndio *Tesouro de Meninas*

No que se refere à obra didática *Tesouro de Meninas*, tivemos acesso a uma edição de 1861, tradução brasileira, na Biblioteca Nacional. Na ficha eletrônica de catalogação da obra, constam os seguintes dados:

Figura 6: Ficha catalográfica da *Thesouro de Meninas*, 1861.

Catálogo: Catálogo Antigo (Pop: 251836)

Índice: [Índice](#)

Busca: **thesouro de meninas, ou, dialogo leprince de entre uma sabia**

thesouro de meninas, ou, dialogo leprince de a

Resultado 1 de 1 encontrados em 5,766 segundos

1/1

Autor: Leprince de Beaumont, Jeanne Marie

Título / Barra de autoria: *Thesouro de meninas, ou, dialogo Leprince de entre uma sabia aia e suas disciplinas.*

Imprenta: Pernambuco: Typ. de Santos e Companhia, 1861

Descrição física: 2v.

Notas: Registro Pré-marc

Indicação do Catálogo: III-349,1,47-48

Localização do Microfilme: SOG-223 (1)

Generated by POTIRON OrtoDocs® 2003 [2451340 threads at 0 ms. Build 351]

Fonte: Biblioteca Nacional, Brasil.

Lembramos que a Typ. de Santos e Companhia foi a mesma tipografia que publicou a edição de *Tesouro de Meninos* em 1881. Esses dados revelam que essa

tipografia foi responsável pela produção de compêndios didáticos que circularam durante o império brasileiro, traduzidos da língua francesa para a língua portuguesa.

Há, contudo, referência no Gabinete Português de Leitura a uma edição anterior, datada de 1838, que é uma tradução de Joaquim Ignacio de Frias da obra *Tesouro de Meninas*, pela Tipografia de J. J. Barroso e Cia, conforme atesta a indicação abaixo:

Figura 7: Dados da obra *Tesouro de Meninas*, 1838.

The screenshot shows a web interface for a digital library. At the top, there is a navigation bar with tabs: 'Pesquisa', 'Histórico', 'Utilizador', and 'Opções'. Below this, the word 'pesquisa' is displayed. The main content area shows a search result for 'Tesouro de Meninas'. It includes the following information:

- Resultado da Pesquisa:** Tesouro de Meninas
- A visualizar:** 1 a 1 de 1
- Formato de Visualização:** ISBD (selected)
- Buttons:** Enviar por Email, Imprimir Result., Anterior, Pág. 1 de 1, Seguinte
- Registro:** 475
- VER DETALHE (Exemplares):** (link)
- RGPL 36 F 24-25:** (license icon)
- Author:** LEPRINCE DE BEAUMONT, Madame
- Title:** Tesouro de meninas / Madame Leprince De Beaumont ; Tradução De Joaquim Ignacio De Frias . - Rio de Janeiro : Typographia de J. j. barroso e cª., 1838
- Format:** OBRA COMPOSTA DE 2 VOLUMES
- Call Number:** Poligrafias
- CDU:** 08
- A visualizar:** 1 a 1 de 1
- Buttons:** Enviar por Email, Imprimir Result., Anterior, Pág. 1 de 1, Seguinte

Fonte: Real Gabinete Português de Leitura, Brasil.

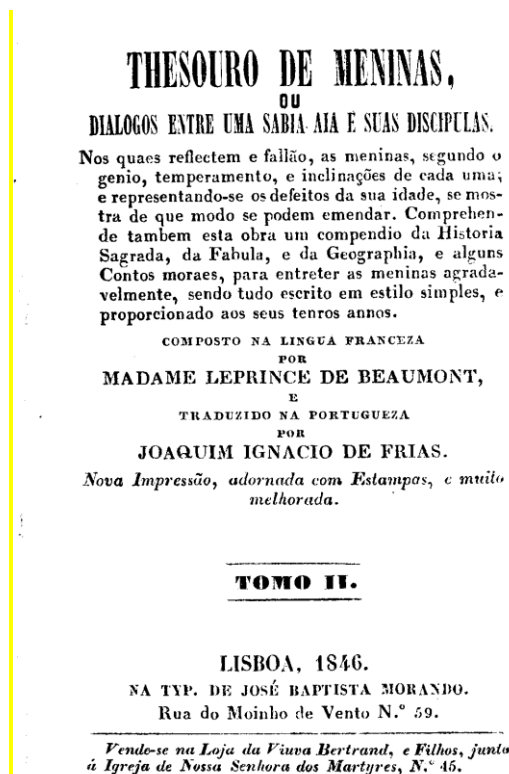
Vejamos que essa edição encontra-se no Real Gabinete Português de Leitura e a edição de 1861, na Biblioteca Nacional. Apesar de sabermos da existência dessas duas edições, não conseguimos ter acesso a elas: a da Biblioteca Nacional não se encontrava digitalizada e a do Gabinete não pôde ser fotografada, como expusemos na introdução desta dissertação.

Nesse sentido, a edição que tomamos para o nosso estudo é a de 1846, disponível no site da Unicamp, conforme mencionamos anteriormente. Semelhante à configuração das edições dos compêndios *Tesouro de Meninos*, percebemos que a edição de 1846 de *Tesouro de Meninas* segue um mesmo modelo de estruturação, conforme as informações da capa atestam. Na capa dessa edição, configuram-se os seguintes elementos: título, seguido de definição bastante elucidativa da natureza da

obra e dos conteúdos que serão objeto das narrativas; indicação da autora e do tradutor, da cidade, do ano, da tipografia e do lugar da venda.

Vejamos:

Figura 8: Capa de *Thesouro de Meninas* da edição de 1846.



Fonte: BEAUMONT, 1846.

O tradutor Joaquim Ignácio de Frias, no início da dedicatória, justifica sua tradução para a Língua Portuguesa já que a primeira versão da obra é em francês:

ILL.^a E EXC.^a SENHORA

A Estimação, que o Público faz dos Dialogos de Madame Leprince, e a utilidade, que me persuadi faria à mocidade Portuguesa, que ignora o idioma, em que, elles se compuzerão, se os vertesse na nossa língua, me moverão a fazer esta traducção, que tomo a V. EXCELLENCIA. Não duvidaria eu da sua boa aceitação, se me pudesse capacitar que Ella havia de merecer, a V. EXCELLENCIA o mesmo (ilegível), que lhe deve o Original; mas como o não fiz mais do que pôr os mesmos pensamentos de Leprince em outra língua, e me esforcei para fazello com toda aquella energia que pude, espero com V. EXCELLENCIA menos preciosa traducção. [...] Eu não vejo e V. EXCELLENCIA não achará inverosimil este meu principio, que até agora apparecesse no nosso Continente alguma Obra Portuguesa, que haja de suprir a falta destes Diálogos de Madama Leprince, e que seja mais própria para por

Ella aprenderem os meninos a ler, tanto pelo interesse da matéria, como pelo seu agradável, e pela simplicidade do estilo. [...] (FRIAS, 1846)

No trecho, o tradutor revela o trabalho que teve de verter a obra para a língua portuguesa, objetivando que os jovens brasileiros tivessem acesso ao *Tesouro de Meninas*, como também apresenta que é uma obra em que os meninos poderão aprender a ler em um estilo simples. Logo, a obra terá uma boa aceitação pelos brasileiros. Ao longo da dedicatória, Joaquim Ignácio de Frias apresenta um teor respeitoso assinalado pelas marcas linguísticas como o oferecimento da obra à autora: “tomo a liberdade de oferecer a V. Excellencia”, dez vezes repete-se “V. Excellencia” e três vezes repete-se “Excellentissima Senhora”, sendo todos os pronomes de tratamento direcionados a autora Madame Leprince Beaumont. Essas marcas linguísticas evidenciam o tratamento respeitoso do tradutor, como mencionamos, bem como parece solicitar a “condessendencia, e aprovação” da autora para tradução da obra.

Para concluir a dedicatória, há a apresentação da autora enquanto mulher virtuosa, vejamos:

Sim, EXCELLENTISSIMA SENHORA esta verdade cada vez mais se me confirma, quando olho para as singulares virtudes de V. EXCELLENCIA. Quando vejo que, sendo V. EXCELLENCIA o esplendor da Alemanha pela nobreza, e glória imortal da sua antiga Família, não desilustra, antes confirmar estas superiores qualidades, que tanto fazem que os homens se esqueçam de si próprios. E sem ser a humanidade a única, sendo a maior de suas virtudes, eu me recreio de ver a V. Excellencia na grandeza, e no poder, sempre com agradável semblante para todos sem por outra diferença entre grandes e pequenos mais do que aquella, que prescreve a ordem, e a decorosa urbanidade.

E não he este hum forte motivo, para que eu haja de ter favorável, e esperar receba este meu fraco monumento de obsequio, e gratidão, aquelles que tão bem sabe observar a virtude da benevolencia? Isso seria, EXCELLENTÍSSIMA SENHORA, a querer desmentir o Público, que a altas vozes confessa tanto agrado, tanta humanidade, da qual eu não menos participio, e tenha hum ardente desejo de mostrar que sou,

EXCELLENTISSIMA SENHORA,
DE V. EXCELLENCIA

Capellão, e servo obsequioso

Joaquim Ignacio de Frias (FRIAS, 1846. Dedicatória).

As atribuições virtuosas a Madame Leprince Beaumont são bem evidenciadas. Acreditamos que “as singulares virtudes” são exaltadas para validar a utilização do

compêndio, dado que escrito por uma autora virtuosa. O tradutor também evidencia o lugar de onde fala, ou seja, “Capellão”, portanto, membro pertencente à esfera eclesiástica, mas que, modestamente, se apresenta como “servo obsequioso”.

Uma nova configuração apresenta a edição de 2008. Vejamos a capa deste compêndio:

Figura 9: Capa de *Tesouro de Meninas* da edição de 2008.



Fonte: BEAUMONT, 2008.

Poderíamos dizer que essa nova versão do compêndio *Tesouro de Meninas*, ano de 2008, publicada no Rio de Janeiro, selecionada e prefaciada por Ana Maria Machado, pode ser considerada outro livro, visto que, apesar dos livros apresentarem o mesmo título e algumas semelhanças, diferencia-se da edição de 1846 em vários aspectos, dentre os quais a condensação dos conteúdos apresentados. Notemos nessa capa que Ana Maria Machado utiliza a mesma tradução de Joaquim Ignacio de Frias,

para selecionar o conteúdo a ser usado nessa versão. Assim, publicadas em épocas distintas, cada obra foi pensada para o tempo de sua enunciação, pois “o novo não está no dito, mas no acontecimento de sua volta” (FOUCAULT, 2008, p.26). Nesse sentido, a partir dos pressupostos teóricos de Chartier (2001), podemos pensar a edição de 2008 como uma adaptação da edição de 1846:

Seja o que quer que façam, os autores não escrevem livros. Os livros não são absolutamente escritos. Eles são fabricados por copistas e outros artífices, por prensas e outras máquinas. [...]“ [...] não há texto fora do suporte que o dá a ler (ou a ouvir), e sublinhar o fato de que não existe a compreensão de um texto, qualquer que ele seja, que não dependa das formas através das quais ele atinge o seu leitor. Daí a distinção necessária entre dois conjuntos de dispositivos: os que destacam estratégias textuais e *intenções do autor*, e os que resultam de *decisões de editores ou de limitações impostas por oficinas impressoras*. (CHARTIER, 2001, p.17, grifos nossos).

Conforme dados da pesquisa, podemos entender que o compêndio de leitura no século XIX tinha uma destinação certa dentro da instituição escola, como fica claro com o outro compêndio *Tesouro de Meninos*. Sendo a obra necessária para a instrução primária dentro do território brasileiro.

Obviamente, os conteúdos de ensino [aqueles que vimos no capítulo anterior] para as crianças no século XIX não correspondem à realidade das crianças de hoje. Desta forma, acreditamos que a supressão dos conteúdos foi inevitável no século XXI para a nova edição de Ana Maria Machado. Além disso, acreditamos que o “novo” *Tesouro de Meninas* (2008)¹⁶ não se configura em um compêndio didático, como também não temos indícios de sua circulação no interior da instituição escolar.

A composição do livro *Tesouro de Meninas* (2008) está explicada no prefácio:

Tentando trazê-la para mais perto do leitor moderno, optamos por não reproduzir o texto na íntegra, de modo a poder tornar sua leitura mais palatável. Para isso, além de modernizar a ortografia, procuramos enxugar as quase oitocentas páginas dos dois volumes originais. Eliminamos as lições de ciência, história e geografia, por exemplo, carregadas de noções inteiramente ultrapassadas no atual estágio do conhecimento humano. Também não transcrevemos a íntegra dos relatos de História Sagrada. E reduzimos bastante os ensinamentos

¹⁶ Tal proposição é feita de maneira empírica. Mesmo assim, enviamos email para a editora Lexikon com o objetivo de saber quais são os leitores mais interessados nesta obra na atualidade, bem como para saber se há alguma destinação dentro da instituição escola atualmente. No entanto, não obtivemos êxito na resposta. Essa informação fica em aberto.

edificantes, as lições moralistas, as conversas de orientação comportamental – remetendo a pequena parcela de eventuais interessados no assunto à consulta direta do original da obra na Biblioteca. Conservamos, porém, *quase todos os contos, fábulas e anedotas narrados*. E, nos capítulos iniciais, fizemos questão de preservar a íntegra do texto, para que o leitor possa ter boa ideia de como se desenrolará depois o restante da obra, em que apenas entremeamos os relatos e uma ou outra observação com a indicação em *itálico* dos trechos cortados. Ou, eventualmente, seu resumo, quando foi o caso. (MACHADO, 2008, p.19 - 20, grifos nossos.)

A partir da leitura dos dois livros – a “velha” e a “nova” versão –, compreendemos que a edição do livro *Tesouro de Meninas* (2008), apesar de reproduzir parte da versão anterior do livro, constitui-se como o novo. Desse modo, acreditamos, com Larossa (1999, p.145), que “[...] a repetição não é retorno do mesmo, mas o retorno do possível, quer dizer, o retorno do que foi, não como idêntico, mas como possível. Por isso, a repetição restitui a possibilidade do que foi, o faz de novo possível”.

Notadamente, sobre os contos de fadas e as fábulas, acreditamos que permanecem nas duas edições, porque são narrativas que encantam aos leitores de toda a época, pois tratam dos “problemas” existenciais do ser humano, conforme defende Barbosa (2005, p. 11):

Independente das verdades de alguns teóricos e sempre sábios educadores, os contos de fadas não deixam de encantar e interessar gerações inteiras, de diversos países e diversas culturas. Não é outra a razão que me traz aqui para tratar deste tema fascinante, polêmico e discutidíssimo. A rigor, não há um limite de idade para o encantamento provocado pelos contos de fadas. Pode-se afirmar que essas narrativas são uma tradição sempre renovada pelas demandas do homem que, embora marcado pelo tempo em que vive, atualiza sempre os mesmos sentimentos: amor, medos (da morte, de crescer, de amar), culpa, angústia, amizade, raiva etc.

Dito de outro modo: a diferenciação de um compêndio para o outro é dada pelos elementos pré-textuais, tais como a apresentação, o prefácio e a escrita versada nos moldes modernos. Porém, o conteúdo continua o mesmo, com a supressão de algumas partes “porque a voz que enuncia, e o mundo desta voz, mudam o sentido de todos os enunciados” (LARROSA, 1999, p.125).

Ainda no referido contexto merecem algumas ponderações os comentários de Ana Maria Machado colocados no prefácio “Diálogos Duradouros” do livro *Tesouro de Meninas* (2008). A autora afirma que *Tesouro de Meninas* foi um “best-seller do século

XVIII” e um “marco histórico nos primórdios da literatura infantil” (p.7 e 8). Consideramos um exagero chamar de best-seller um livro do século XVIII, pois sabemos que não havia essa denominação na época. No que concerne à literatura, esse conceito só se configurou no século XIX, pois antes de termos o conceito literatura, tínhamos duas disciplinas que cumpriam o papel da literatura – Retórica e Poética. Nesse sentido, torna-se estranho falar de primórdios da “literatura infantil”.

Vejamos a justificativa de Machado para os interesses atuais da obra:

Parece-me, porém, que um dos maiores interesses na literatura desse livro hoje está justamente em constatar essas diferenças que existem em relação ao panorama contemporâneo. Assim, é possível que se tenha uma visão histórica da distância que percorremos em nossas concepções sobre diferentes aspectos da vida social, sobre a infância, a educação, a literatura infantil, as relações entre as classes, a autoridade paterna, o papel que a sociedade considerava ideal para as mulheres.

Outro grande interesse está na constatação da influência que essa coletânea teve entre nós. A própria folha de rosto desta edição já nos ajuda a vislumbrar parte dessa história de sucesso. Indica-nos que a obra concebida na Inglaterra e publicada na França (1758) passou por uma edição portuguesa feita por Joaquim Ignacio de Frias e, mais de um século depois, do outro lado do Atlântico, teve seu texto refundido, corrigido e aumentado pelo cônego da Sé de Olinda, o padre J.F dos Santos, professor de geografia no seminário local – que a fez publicar em Pernambuco em 1861 na Tipografia de Santos & Companhia. (MACHADO, 2008, p.18 - 19)

Pensamos que fazer comparação entre as duas edições dos compêndios é no mínimo injusto. Em princípio, uma não pode ser ‘melhor’ ou ‘pior’ do que outra, porque elas atendem a diferentes interesses em épocas distintas. Independentemente dessa questão, um dado nos chama a atenção no prefácio de Machado:

Seu êxito foi tanto que, em seguida, a autora tratou de fazer outro volume, destinado a atender às necessidades da outra metade do público, a masculina, que ficara a descoberto. Mas em português é um pouco mais tardio o *Tesouro de meninos: resumo de história natural, para o uso da mocidade de ambos os sexos e instrução das pessoas que desejam ter noções da história dos três reinos da natureza*. Só foi editado em Lisboa, pela Imprensa Régia, já no século XIX, em 1813. (MACHADO, 2008, p.10, grifos nossos).

Aqui nos parece que há uma confusão com a autoria do compêndio *Tesouro de Meninos*. Possivelmente, a tradutora trata daquele compêndio que analisamos no tópico anterior. Porém, sabemos que a obra *Tesouro de Meninos* não foi publicada para

“atender às necessidade da outra metade do público, a masculina”, tampouco foi escrito por Madame Leprince.

Diante o exposto, procuramos analisar os elementos pré-textuais do suporte compêndio (capas, os prefácios, as dedicatórias, os sumários e prólogos de leitura), objetivando compreender o que tais elementos informam acerca do leitor infantil do século XIX.

3 CAPÍTULO: OS ELEMENTOS TEXTUAIS: LUGARES DE CONFIGURAÇÕES E CONSTITUIÇÃO DE LEITORES

3.1 A temática dos compêndios: moral, virtude e civilidade

Considerando as obras *Tesouro de Meninos* e *Tesouro de Meninas*, Sena (2008, p. 80) registra em seu estudo as temáticas abordadas, bem como a forma de transmissão dessas temáticas:

A relação entre *Tesouro de Meninos* e *Tesouro de Meninas* ocorre não somente pelo título e pelo conteúdo – moral, virtude e civilidade – muito comum à época, mas também pela forma – o diálogo. Ambos recorrem ao diálogo como metodologia atraente, porém, antiga, para transmitir o conteúdo.

Esse modelo antigo de transmissão dos conteúdos, conforme observamos anteriormente, pode ser encontrado no *Diálogo em Louvor da Nossa Língua e no Diálogo da Viciosa Vergonha*, de João de Barros, obra de 1540 que passou a integrar a sua gramática da língua portuguesa. A *Gramática da Língua Portuguesa* de João de Barros traz a temática da moral e da virtude, através de diálogos conduzidos por um Pai de Família que, semelhante ao que ocorre no compêndio *Tesouro de Meninos*, dirige-se ao filho. Em *Tesouro de Meninas* os diálogos são conduzidos por Bonna, que se apresenta como uma autoridade frente à instrução das crianças.

Em *Tesouro de Meninos* (BLANCHARD, 1851, p. 25), as temáticas das narrativas aparecem claramente definidas: a moral “ou a necessidade em que estamos de não fazer o mal, e de retribuir a outrem o bem, que nos tiver feito”; a virtude “ou o valor para fazer o bem gratuitamente, e ainda mesmo contra o nosso próprio interesse” e a civilidade “ou as formas exteriores do homem na Sociedade”. Percebe-se, portanto, que a concepção a partir da qual cada uma dessas temáticas é concebida e definida pelo próprio autor. A temática da moral eleva o bem como conceito essencial a ser incutido no homem em formação; a virtude aponta para o desenvolvimento do desprendimento individual, para o modo como devemos nos relacionar com o outro, estabelecendo uma valoração máxima das atitudes que caracterizam o bem; a civilidade, por sua vez, diz respeito ao modo como o homem deve agir em sociedade, marcado por gestos de polidez e de respeito pelo outro. Ou seja, no fundo são temáticas que se entrecruzam

para fixar um comportamento geral (e adequado aos preceitos da época) do homem no seio da família e da sociedade como um todo.

Cada parte do compêndio é destinada à explicitação de um conceito referido. Em todas as partes, temos o diálogo entre o Pai de Famílias e as crianças, mas na parte referente à civilidade há uma peculiaridade: as crianças ficam mais caladas, enquanto o Pai de Famílias dita modelos de bom comportamento.

Notadamente nas partes referentes à moral e à virtude, percebemos que esses ensinamentos já direcionam uma leitura de cunho religioso. Essa constatação pode ser verificada também a partir dos títulos das **conversações da moral**: *Deveres para com Deus, Dos Deveres para com os nossos Pai e Mãe, Dos Deveres para com os nossos irmãos, e os outros homens, Do que devemos a nossa pátria, Não fazer mal a outrem, Fazer mal aos animais é indício de mau caráter*, bem como nas **conversações da virtude**: *Do sacrifício aos seus semelhantes, Das virtudes pessoais e Fazer bem a quem nos faz mal*.¹⁷

Por meio da indicação destes títulos das conversações da moral e da virtude, podemos afirmar que a leitura bíblica é predominante, especificamente no que se refere aos dez mandamentos da lei cristã¹⁸ que estão localizados no livro de Êxodo, no capítulo 20, parte do Antigo Testamento da Bíblia, atualmente. Além disso, em uma espécie de apêndice ao compêndio, acrescido, especificamente na edição de 1851, há uma parte intitulada *Compêndio de História Sagrada* que trata desde a criação do mundo até o nascimento, a vida e a morte de Jesus Cristo.

Como em *Tesouro de Meninos*, também em *Tesouro de Meninas* temos as histórias bíblicas, especificamente nas conversações entre a Bonna e as meninas. Nessas conversações, as personagens Moly, Mary e Carlota são as responsáveis pelas narrações bíblicas e todas as outras meninas e a Senhora Bonna comentam as reflexões e tomam os ensinamentos para algum procedimento de vida. Nesse sentido, podemos dizer que as narrativas bíblicas foram “apropriadas”¹⁹ pelos autores dos compêndios *Tesouro de*

¹⁷ A exceção é apenas os ensinamentos com a Pátria.

¹⁸ Os dez mandamentos seguidos pela Religião Católica são os seguintes: 1º Amar a Deus sobre todas as coisas; 2º Não tomar seu santo nome em vão; 3º Guardar os domingos e festas; 4º Honrar pai e mãe; 5º Não matar; 6º Não pecar contra a castidade; 7º Não furtar; 8º Não levantar falso testemunho; 9º Não desejar a mulher do próximo; 10º Não cobiçar as coisas alheias.

¹⁹ Apropriação é um conceito utilizado por De Certeau (2011, p.237), quando discute os modos como os sujeitos se relacionam com os bens culturais, dentre os quais a leitura. No sentido em que tomamos acima, pretendemos assinalar o fato de que as narrativas vêm de outros lugares para atender à função instrutiva, tornando-as “semelhante ao que se é”, fazendo-as próprias a uma situação específica de ensinamento. Há nesse caso, um processo de “apropriação ou reapropriação” desses objetos.

Meninos e Tesouro de Meninas com a função muito clara de instruir, conforme os preceitos religiosos. Ou seja, a inserção das narrativas da Bíblia nos compêndios visa a encaminhar as ações das personagens, levando-as a agirem de forma concernente aos valores da Igreja Católica da época. Pensamos ainda que os personagens bíblicos, a exemplo dos homens notáveis, prestam-se para exemplificar o valor da virtude. Este valor também é verificado através dos exemplos de outras histórias, como os contos e as fábulas.

Em *Tesouro de Meninas*, a temática da virtude está bem explicitada nos bons feitos de homens que foram importantes na história da humanidade, a exemplo de Jesus Cristo, claramente identificada de cunho religioso, bem como outros homens que apresentam bons procedimentos da virtude. Essas histórias bíblicas são contadas por Mary, Molly, Carlotta, discutidas por todas as outras meninas e direcionadas pela Senhora Bonna.

Sobre o conceito de civilidade, Sena (2008), ao se referir a *Tesouro de Meninas*, ressalta os momentos em que esses ensinamentos são passados e relaciona a presença dessa mesma temática em outras obras. Vejamos:

[...] utiliza esta estratégia como intervalo ou recreio para não deixar a aprendizagem tediosa, por outro, é um momento em que também pode ensinar às suas discípulas boas maneiras à mesa. Aprender a se comportar a mesa na hora do chá ou de outras refeições é uma prática também notabilizada no tratado *A Civilidade Pueril* (1530), de Erasmo. (SENA, 2008, p.71)

No que se refere às histórias contadas, o diálogo em que se insere o conto intitulado “A Bela e a fera”, serve bem a esses propósitos. Antes da leitura do conto, a senhora Bonna fala sobre o modo como se deve prosseguir durante e após as refeições (nunca se deve comer depressa e deve-se ficar calado). Ela chama a atenção das meninas para que elas procedam de modo adequado e essas são perdoadas pela docilidade com que falam e pela inocência, pelo desconhecimento dos procedimentos corretos. Isso é revelado, porque as meninas falam que realizaram a refeição muito depressa para escutar o conto.

Além do conteúdo e da forma de condução, a senhora Bonna prossegue o diálogo e conta a história “A Bela e a fera”, essa é uma história bastante conhecida de todos. Aqui, fazemos referência à narrativa: o enredo gira em torno da história de um mercador, esse tem três filhos e três filhas, dentre elas, Bela. Por infortúnios da vida, o

Pai fica pobre, fazendo a família sofrer algumas privações. Passado algum tempo, depois de ter ido à procura de um navio com mercadorias, na volta para casa, o mercador perde-se e chega ao palácio da fera.

A fera, que tem uma imagem feia, mas um bom coração, oferece ao homem todos os subsídios necessários para a estadia e recursos para serem levados para casa. Contudo, o mercador ainda ‘rouba’ uma flor para a filha mais nova, Bela, e isso causa grande raiva à fera que sentencia que o pai de Bela deve morrer, mesmo o homem explicando o motivo do ‘roubo’. Bela, depois de saber do ocorrido, entrega-se em lugar do pai e, passado algum tempo, o amor verdadeiro de uma mulher, o amor de Bela, transforma a fera em um belo homem, um príncipe, que havia sido vítima de um feitiço.

Na história, as irmãs de Bela mostram maus procedimentos e são castigadas, transformadas em estátua durante toda a vida, porque não houve arrependimentos. Os irmãos, o pai e, principalmente, Bela mostram-se personagens virtuosos. Lembremos que Bela, inclusive, ofereceu-se em lugar do pai para salvar a vida. No decorrer da narrativa ocorre o seguinte diálogo:

CARLOTA

E suas irmãs ficarão sempre estátuas?

BONNA

Sim, menina, porque sempre conservarão hum máo coração.

ESPIRITUOSA

Estaria ouvindo-vos huma semana sem me enfadar. Estimo esta Bella em extremo; mas parece-me que se estivesse em seu lugar, não quereria desposar o bruto, sendo ele tão horrível.

SENSATA

Mas como elle era tão dócil, vós não consentireis que morresse com magoa, principalmente depois de ter-vos feito tanto bem.

ESPIRITUOSA

Dir-lhe-hia, como Bella lhe disse no principio, serei vossa fiel serva, mas não quero ser vossa mulher.

MARY

A mim causar-me-hia medo, e sempre cuidaria que elle me queria devorar.

MOLLY

Eu creio que me costumaria a velo-lo do memso modo que Bella; pois quando meu pai tomou hum negrilho por lacaio, tinha medo d'elle; escondia-me, quando entrava em casa, por me parecer mais feio do que hum bruto. Fui pouco a pouco perdendo o susto, de sorte que agora me conduz, quando me metto na sege, e não reparo no seu rosto. (BEAUMONT, 1846, p. 97 - 98).

Percebemos, ao longo deste trecho, que as meninas manifestam os seus pensamentos e Bonna vai incluindo os seus ensinamentos. Nesse sentido, o conto

cumprir a função de instruir, inclusive fazendo com que cada uma das meninas reflita sobre suas virtudes ou a ausência delas.

Desta forma, os ensinamentos prosseguem no desenvolvimento das conversas, como: metamorfose da borboleta; instrução de outros assuntos para a formação de Espirituosa em momento adequado; história sagrada contada por Molly; ensinamentos da ciência. Por fim, Espirituosa retoma o começo da conversação, dizendo: “Sim, comeremos de vagar; mas em recompensa nos direis um conto antes do chá”. (BEAUMONT, 1846, p.110 e 111).

Como afirmamos acima, a moral no compêndio está pautada nos preceitos das Sagradas Escrituras, como podemos verificar explicitamente na passagem abaixo:

BONNA: Não duvido, menina, sendo certo que só he má quem se considêra no que vos digo; e para fazer lembrar-vos a todas destas cousas, devo instruir-vos na Escritura Santa. He esta um livro Divino, que foi dictado pelo Espirito Santo, e por isso devemos lê-lo, aprendello, e repetillo com um profundo respeito. Vós conhecereis, lendo esta bela historia, quanto Deus he grande, e poderoso, quão bom he, quanto o deveis amar, e quanto deveis recear de offendello, porque castiga os máos severamente. Lembrai-vos também, minhas filhas, que esta historia he a única, de que nos não he lícito duvidar, por ser mais certo que ella he verdadeira do que he certo que he dia, quando faz Sol. A Deos, Senhoras, espero alegrar-me com a vossa applicação (BEAUMONT, 1846, p. 46 - 47).

Importante é ainda destacar que a leitura da Sagrada Escritura se revela nas lições de todas as meninas, como também nos comentários e reflexões que Bonna faz acerca das leituras. A respeito das lições, o conceito de “leitura intensiva”, como aquela “confrontada a livros pouco numerosos, apoiada na escuta e na memória, reverencial e respeitosa” (CHARTIER, 1999, p.23), também pode ser constatada. Notemos que, ao indicar a leitura da “Escritura Santa”, Bonna determina o modo como essa leitura deve ser feita: as discípulas devem “lê-lo, aprendello, e repetillo”, isto é, ela estabelece uma prática que deve ser seguida pelas personagens durante o contato com o texto bíblico. Além disso, a leitura deve ser realizada “com um profundo respeito”, ou seja, trata-se de uma leitura sacralizada em dois sentidos que se complementam – ela é sacra porque é religiosa, mas é sacra também porque não pode ser questionada, é uma leitura para ser respeitada e, principalmente, seguida.

Quanto à civilidade, em *Tesouro de Meninos*, há o direcionamento do narrador para o menino e a menina, no caso, Felícia e Paulino, em relação ao modo de agir em

sociedade. A escolha dos personagens parece proposital em relação ao assunto, porque os dois devem agir de maneiras distintas, uma vez que a sociedade previa valores diferenciados para os meninos e para as meninas.

Na parte sobre a civilidade, as conversações destinadas apenas para Felícia são as seguintes: *Da maneira de vestir e do asseio, De como devemos conduzir em uma companhia, De como nos devemos portar na rua, Da maneira como as pessoas de pouca idade se hão de conduzir na sociedade a respeito das pessoas mais idosas.* Especificamente para Paulino, há o ensinamento: *Do que os homens devem por civilidade às senhoras.* O Pai inicia discutindo que a distinção entre os sexos requer uma condução diferenciada do homem para com a mulher. Dessa forma, ele faz as seguintes recomendações para o filho:

Quando te achares em uma companhia, em que estiverem senhoras, tem com ellas toda a sorte de atenções: a franqueza da sua constituição é bastante para nos obrigar a dispensá-las de tantos incómodos, quantos nos forem possíveis. O que nunca farias por amor de um homem, faze-o com todo o prazer por amor de uma Senhora. Cede-lhe sempre o lugar mais cómodo, e mais honroso. Na mesa, não consintas nunca ser servido primeiro que ellas. Se se tracta de jogos consulta-as sempre: sejam ellas as que escolhão, e segue os seus desejos, se não forem contra o teu estado, a tua idade, ou a tua saúde; por quanto, dizendo-te que deves condescender com os desejos das senhoras, supponho que ellas não tem outros, que não sejam razoados [...]. (BLANCHARD, 1851, p.217 - 218).

Além das recomendações acima, o Pai de Famílias continua aconselhando o filho: dispensar-se de coisas indiscretas com mulheres incontentes; ter um discurso casto na presença das mulheres; respeitar os bons costumes das mulheres; mostrar-se alegre, amável e galante com as mulheres. Enfim, ser um homem virtuoso e civilizado em atitudes e palavras dirigidas às mulheres.

O Pai de Famílias adverte para o menino que quer tê-lo em sua companhia sem causar vergonha e também não quer que o filho seja contaminado pelos maus exemplos que giram em torno da sociedade. Os ensinamentos são direcionados a Paulino, mas Felícia não está exímia da conversação, pois ela também deve saber a maneira dos homens se comportarem.

Apesar de divergências quanto ao caráter estrutural dos compêndios estudados, isto é, quanto à organização e à disposição das narrativas, percebe-se que os ensinamentos se repetem por meio das narrativas utilizadas pelos autores. Dito de outra

maneira: a temática sobre a moral, a virtude e a civilidade está presente em *Tesouro de Meninas*, mas difere quanto à estrutura do compêndio *Tesouro de Meninos*: o primeiro apresenta narrativas que se alternam com os ensinamentos dos contos, histórias sagradas, geografia; enquanto o segundo apresenta um modelo que separa a virtude, a moral e a civilidade, para depois tratar de outros conteúdos de ensino, como poesias, matemática, histórias sagradas, geografia e história.

Considerando especificamente a temática da moral, vejamos o exemplo retirado do compêndio *Tesouro de Meninos*, especificamente do diálogo *Devem-se suportar mutuamente os próprios defeitos*:

O PAI DE FAMÍLIAS: Todos somos imperfeitos, e por esta razão é que deve haver indulgência mutua entre nós todos. Qual será o direito, com que pertendessemos se supportassem os nossos defeitos, sem querermos supportar os alheios? Aquelle que quizesse que todo o mundo se guiasse pela sua maneira de vêr, e de sentir, por mais arrazoadado que fosse, seria precisamente o mais insupportavel dos homens; nem mesmo existiria alguma reunião de homens, se entre elles não houvesse uma sorte de indulgencia reciproca. Soffrei por tanto com silencio tudo o que vos escandaliza, e que não podeis emendar; é este o melhor partido, que podeis tomar para os outros, e para vós. Detestão-se, fogem-se essas pessoas, sempre promptas a censurar o que lhes não agrada nos outros; ordinariamente são espíritos orgulhosos, que só se estimão a si, e que, depois de haverem posto muito alto o gráu da sua perfeição, se põem sempre em comparação com os mais, e concluem acreditando que lhes são superiores. Acautelai-vos quando poderdes de contrahir um hábito tão odioso. (BLANCHARD, 1851, p. 108 - 109).

O conhecimento explicitado pelo Pai de Famílias, relacionado à moral, faz parte de um aprendizado, necessário para os *meninos*, que está presente em manuais didáticos bem antigos, a exemplo da *Gramática da Língua Portuguesa* de João de Barros, cuja primeira edição é de 1540, conforme já mencionado. Sobre a moral, no *Diálogo da Viciosa Vergonha*, o pai de família afirma:

[...] Porque, depois que os mininos saem das lêteras, que é o leite de sua criação, começam a militár em costumes pera que lhe [s] convém armas convenientes aos vícios naturaes de sua idade. E, como a viçiosa vergonha é o primeiro imigo que ôs cométe, forjámos, neste seguinte Diálogo, armas com que se dela podem defender.

Conforme Buescu (1971, Prefácio, p. XXXIV), “[...] um dos traços mais característicos deste *Diálogo* é a conciliação da sabedoria antiga com a doutrina do

Evangelho e dos doutores da Igreja”, ou seja, no diálogo, há uma influência clara de discursos retirados de outros lugares para conciliar um saber cujo lugar de transmissão passa a ser a escola. Nos compêndios estudados, também percebemos essa característica – as narrativas retiradas de outros lugares para atender a função da instrução. Ainda destacamos na narrativa os tipos de vergonha (*pudor, verecundia, erubescencia*), os questionamentos e esclarecimentos entre o Pai e o Filho para explicitar a temática abordada.

3.2 Os diálogos: o fio condutor das narrativas dos compêndios

No item acima, já percebemos que, nos dois compêndios estudados, os diálogos entre os personagens não ocorrem livremente, mas são sempre direcionados por personagens adultos (Pai de Famílias e Senhora Bonna) a quem cabe o papel central na consolidação dos ensinamentos. Acreditamos que este aspecto é fundamental na composição dos compêndios estudados, porque não haveria sentido de ter uma organização de narrativas sem um fio condutor que garantisse ou assegurasse o caráter didático da obra. Esse aspecto é o diferencial para os compêndios didáticos, pois temos nesses várias narrativas retiradas de lugares diferenciados, mas as narrativas não estão soltas, mas direcionadas e adaptadas enquanto conteúdos de ensino.

Na *Gramática da Língua Portuguesa* de João de Barros, o diálogo é também esse fio condutor nos ensinamentos explicitados no *Diálogo em Louvor da Nossa Linguagem* e no *Diálogo da Viciosa Vergonha*. Vemos, portanto, que uma gramática do século XVI já trazia esse modo de composição adotado pelos compêndios do século XVIII. Podemos compreender que essa forma de condução de narrativas segue uma tradição didática bem antiga, a exemplo de Platão.

De modo geral, pode-se afirmar que essas obras afastadas pelo tempo estão intimamente ligadas pela temática e pelos recursos linguísticos para condução dos ensinamentos: a temática discutida, a presença de diálogos e a nomeação dos personagens. Outro aspecto que também as aproxima diz respeito à idade para instrução: são sempre crianças conduzidas por um personagem que assume o lugar de autoridade, seja o pai ou uma aia.

O diálogo, no contexto dos compêndios *Tesouro de Meninos* e *Tesouro de meninas*, é a forma escolhida para conduzir as narrativas, assegurar e manter a ordem

dos conteúdos expostos, respectivamente, pelo Pai de Famílias e pela Senhora Bonna. Os diálogos também asseguram a autoridade desses personagens em relação aos seus discípulos, tendo em vista que cabe a eles determinar a distribuição das falas entre todos os participantes do evento comunicativo e a temática das conversas.

Além disso, há uma imagem de leitor projetada pelos responsáveis pela instrução, ou seja, a imagem de crianças que precisam ser instruídas pelos preceitos vigentes da sociedade. Segundo Orlandi (1988, p.9), o leitor implícito é:

Um leitor que é constituído no próprio ato da escrita. Em termos do que denominamos “formações imaginárias” em análise de discurso, trata-se aqui do leitor imaginário, aquele que o autor imagina (destina) para seu texto e para quem ele se dirige. Tanto pode ser um seu “cúmplice” quanto um seu “adversário”.

Assim, quando o leitor real, aquele que lê o texto, se apropria do mesmo, já encontra um leitor aí constituído com o qual ele tem de se relacionar necessariamente.

Em *Tesouro de Meninos* e *Tesouro de Meninas*, temos a imagem de um leitor que precisa ser conduzido por um adulto, precisa explicitar sua aprendizagem e precisa ser julgado ou avaliado por esse adulto. Nessa perspectiva, os diálogos seguem uma mesma lógica narrativa: primeiro, há a introdução do ensinamento, por meio de um conto, de história sagrada, ou de um conteúdo específico, como geografia; em seguida, surgem diversos questionamentos e explicações e esclarecimentos, momento em que há a participação de todos os personagens (Bonna/Pai de Famílias e as crianças); e, por fim, tem-se um fechamento, realizado, em geral, pelo adulto, que, além de resumir os ensinamentos, serve de estímulo para depois prosseguir outra lição.

Em *Tesouro de Meninos*, o Pai de Famílias, depois de discutir sobre os deveres morais, fala sobre os animais na sétima conversação intitulada “Fazer mal aos animais é indício de mau caráter”. Logo em seguida, Paulino lê uma história cujo personagem principal é um homem que, durante muito tempo, trabalhou como açougueiro, até que um dia seu patrão quis matar um carneiro a que esse homem tinha criado grande afeição e ele preferiu ser despedido a matar o animal. No fragmento abaixo, temos um exemplo de um momento que revela a função do adulto no encaminhamento das lições.

FELÍCIA: Oh! Que tão galante historia! Deveria lêr-se a todos esses homens cruéis que matão os pobres animaes.

O PAI DE FAMÍLIAS: Moderais, minha filha, esse vosso excesso de sensibilidade. Devemos abster-nos de fazer algum mal aos animaes;

porém quando se tracta das nossas precisões, não póde haver crueldade, nem mesmo em lhes dar a morte, pois que a natureza tem feito disso uma lei. Mas se para nossa nutrição, e sustento somos obrigados a matar o boi, o frango, e mil outros animaes inocentes, ao menos podemos dispensar-nos de os atormentar inutilmente. Há, dizem, em Inglaterra uma lei, que prohiibe maltractar os cavalos sem motivos, e de os oprimir debaixo de cargas, com que não podem: uma tal lei é digna de verdadeiros homens. Deus nos deu a preeminência sobre todos os entes, que habitão a terra comnosco; até mesmo tem feito depender a nossa existência de uma multidão de criaturas; tem posto porém nos nossos corações a sensibilidade, que nos prohiibe usarmos deste direito como farião os tigres: por esta razão aquelle, que suffica esta sensibilidade, e despreza a voz da natureza, que fala no seu coração para lhe mandar ser humano, quando mesmo a precisão o obriga à deshumanidade, este vai nisso contra a vontade do Auctor da Natureza. Não póde por tanto ser inteiramente inocente: de certo não póde ficar contente da sua brutalidade; e, pois que a sua consciência o condemna, ele é culpado. (BLANCHARD, 1851, p. 121 - 122).

Esse fragmento revela a sensibilidade de Felícia depois da leitura realizada pelo irmão. A menina logo quer generalizar a situação e fala que tal leitura deveria ser lida por todos os homens cruéis que maltratam os animais. Porém, o Pai de Famílias intervém e fala para a menina moderar o “excesso de sensibilidade”, mostrando que as pessoas não devem fazer mal aos animais, mas também argumenta que é lícito matar alguns animais para o fim alimentício. Ou seja, percebe-se que cabe ao adulto orientar o sentido em que os meninos devem considerar as histórias lidas, a fim de evitar exageros ou excessos quanto aos ensinamentos ministrados.

Em *Tesouro de Meninas*, há também o encaminhamento de um adulto nas lições. Destacamos aqui um ensinamento posterior ao conto “A Bela e a fera”:

BONNA

A Senhora Molly tem razão no que diz; pois não importa que nos affaçamos à fealdade, com tanto que nos não costumemos à malícia. Nenhuma de nós se deve desgostar por ser feia, antes deve vir a ser tão boa, que se possa esquecer o nosso rosto pela bondade de nosso coração. Notai também, meninas, que aquelle, que faaz o que deve, he recompensado. Se Bella não tivesse querido morrer em lugar de seu pai, se fosse ingrata para com o bruto, não viria a ser huma grande Rainha. Vede também quanto he péssimo que he invejoso, pois que a inveja he o mais negro de todos os vícios. Ainda não são mais que três horas, podeis passear até as quatro. Correi, saltai à vossa vontade, com tanto que estejais à sombra: eu como já sou velha, e não posso andar, ficarei com Sensata, que não está muito boa. (BEAUMONT, 1846, p. 99).

A Senhora Bonna realiza uma espécie de síntese da moral do conto, a fim de fixar aqueles preceitos que devem ser incorporadas pelas discípulas: a bondade, que leva à recompensa; a gratidão que também compensa quem a pratica. E destaca a inveja como o pior de todos os vícios.

De modo geral, podemos compreender que a organização das narrativas e a disposição dos conteúdos de ensino fazem supor um tempo de aprendizagem e exigem dedicação. Nesse sentido, assinalamos que Babiola não se dedicava aos ensinamentos (como é explicitado no início das conversações), preferindo brincar a estudar, por isso permanecia com mau comportamento. Já Altiva teve um contato tardio com a instrução, por isso ainda não tinha aprendido os bons comportamentos e era repreendida pela Senhora Bonna.

Neste capítulo, procuramos compreender as temáticas abordadas (moral, virtude e civilidade) e o modo de apresentá-las (sob a forma de diálogos e narrativas). Percebemos, através da análise destes aspectos, que tanto as temáticas quanto a forma de abordá-las inscrevem os compêndios analisados em uma tradição da escrita didática, destinada especificamente ao universo da escola.

CONCLUSÃO

Ao longo dessa dissertação, assumimos que o livro didático, aqui denominado de compêndio didático, “[...] faz parte, assim, de um fenômeno mais geral, o dos textos e impressos utilizados na instrução; esse fenômeno tem um passado, um presente, um futuro: tem uma história” (GALVÃO e BATISTA, 2009, p.14).

Para isso, procuramos compreender o percurso dos compêndios didáticos *Tesouro de Meninos* e *Tesouro de Meninas* aqui no Brasil, buscando entendê-los também a partir da associação aos conteúdos de ensino institucionalmente definidos para a educação das crianças brasileiras. Também procuramos compreender os encaminhamentos apontados pelos autores, editores para a formação de um leitor infantil no século XIX, a partir da análise das capas, sumários, dedicatórias, prefácios e também da análise da temática (moral, virtude e civilidade) e do modo como ela se apresenta nesses compêndios, visamos relacioná-los a uma tradição da escrita didática.

Um primeiro fator que chama a atenção nesse percurso do livro da França para o Brasil diz respeito às suas condições de produção e circulação. É interessante observar que estas obras correspondiam a compilações de textos que circulavam em instâncias diversas, ou seja, não eram textos produzidos para fins didáticos, mas que passam a ser utilizados como tais ao serem inseridos nas obras. Uma vez adotados pelas escolas brasileiras, estavam sendo importados não apenas o objeto livro, mas também todos os preceitos de moral, virtude e civilidade considerados ideais para o seu país de origem – a França – e tomados como referência de boa educação pela elite brasileira.

Como se sabe, durante o século XIX, este país europeu exerceu forte influência cultural no Brasil. Dessa forma, as autoridades brasileiras responsáveis pela instrução, ao recomendarem a adoção desses livros pelas escolas, em certa medida, disseminam os valores franceses para as crianças brasileiras. Evidentemente, como afirma De Certeau (2011), os bens culturais não são absorvidos passivamente pelos sujeitos, mas são ressignificados, uma vez que as formas de apropriação podem divergir de uma comunidade para outra. Essa afirmação pode ser confirmada, principalmente, quando verificamos as modificações que, posteriormente, foram se fazendo necessárias nas diferentes edições de *Tesouro de Meninos*, a exemplo da inserção de conteúdos de História e Geografia do Brasil.

Acreditamos que essa dissertação contribui, ainda, para confirmar a predominância dos compêndios franceses *Tesouro de Meninos* e *Tesouro de Meninas* no

Brasil, durante, pelo menos, 100 anos, sem mencionar a edição do século XXI, a versão de *Tesouro de Meninas*, prefaciada e selecionada por Ana Maria Machado, em 2008. Ou seja, os compêndios estudados tiveram uma ampla disseminação no período imperial e podemos considerá-los “livros de sucesso”. Entendemos que esse sucesso seja decorrente dos conteúdos que carregavam, como também do aval das autoridades para a utilização desses compêndios no contexto escolar, portanto, na educação formal.

Diante do exposto, podemos afirmar que os compêndios estudados tiveram um papel fundamental na instrução escolar, sendo responsáveis pela formação dos pequenos brasileiros nos oitocentos. Isso é evidenciado pelos documentos dos responsáveis pela instrução pública, como também pelas recomendações dos autores e editores. Ainda é importante destacar que outras pesquisas mostram que esses compêndios estiveram presentes nos catálogos de livrarias, bibliotecas, e jornais, revelando, portanto, outras formas de apropriação do texto escrito.

Considerando o conteúdo dos compêndios estudados, podemos concluir que era essencial aprender a ler e escrever, relacionando essas práticas à formação moral, por meio de histórias exemplares como contos, fábulas e histórias bíblicas. Também o sujeito moralmente virtuoso deveria ter uma formação que contemplasse as questões relacionadas à civilidade, ou seja, as disposições inerentes e externas de comportamento na sociedade, como definido em *Tesouro de Meninos*. Os assuntos elementares faziam também parte do processo de instrução: ensinamentos de matemática, da gramática nacional, da geografia, da história geral e do Brasil. Acrescenta-se ainda para as meninas os conhecimentos de cunho doméstico, como prevê o décimo segundo artigo da Lei de 1827.

No que concerne ao modo de abordagem das temáticas relativas à moral, à virtude e à civilidade, verificamos que os diálogos fazem parte de uma tradição da escrita didática. Basta mencionar que esse recurso linguístico, o uso de diálogos, está presente em compêndios bastante antigos, a exemplo da *Gramática da Língua Portuguesa* de João de Barros, do século XVI, e de outros textos bem mais antigos, como os diálogos de Platão com Sócrates em *O Banquete*. Também demonstramos que os elementos pré-textuais são indicativos de uma forma de direcionar e (in)formar o pequeno leitor, na instituição escola, no século XIX. Compreendemos que a sociedade visava formar um tipo de sujeito, em determinada fase da vida, oferecendo, portanto, os moldes do que se esperava dele na sociedade.

Entendemos, portanto, que o percurso dos compêndios didáticos no passado pode oferecer margens para a compreensão do presente da indústria dos livros direcionados à escola, bem como o futuro dos livros e as modificações dos suportes e práticas de leituras envolvidas no ato de ler. A história da leitura, neste sentido, é fundamental para compreender de onde viemos, onde estamos e para onde vamos. O passado, portanto, é um pressuposto para compreender o presente e o futuro.

Sabemos que a compreensão da história da leitura corresponde a um longo percurso, que não se encerra na investigação destes compêndios didáticos. O acesso a outras fontes de pesquisa sobre a circulação das narrativas utilizadas nos compêndios, tais como os periódicos desse período, pode contribuir para esclarecer outros questionamentos relativos às formas de produção, circulação e apropriação das narrativas escolares no século XIX.

REFERÊNCIAS

ABREU, Márcia (Org.) **Leitura, história e história da leitura**. Campinas: Alb; Mercado de Letras e Fapesp, 1999.

_____. **Caminhos do livro**. Campinas: Mercado das Letras, 2003.

AUGUSTI, Valéria. **O romance como guia de conduta**: “A Moreninha e Os dois amores”. Campinas, SP: [s.n.], 1998. Dissertação de Mestrado em Teoria Literária. Disponível em: <http://www.caminhosdoromance.iel.unicamp.br/estudos/teses/pdfs/valeria.pdf>. Acesso em: 02 maio 2012.

BARBOSA, Socorro de Fátima P. **Jornal e Literatura**: a imprensa brasileira no século XIX. Porto Alegre: Nova Prova, 2007.

_____. O conto de fadas: a tradição que nunca é o mesmo. **Revista do GELNE (UFC)**, Fortaleza, v. 4, n.1/2, p. 65-67, 2005.

BARROS, João de. **Gramática da Língua Portuguesa**. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 1971.

BATISTA, Antonio Augusto Gomes; GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. **Livros escolares de leitura no Brasil**: elementos para uma história. Campinas: Mercado de Letras, 2009.

BEAUMONT, Madame Leprince. **Thesouro de Meninas**. Lisboa, 1846. Disponível em: <http://www.caminhosdoromance.iel.unicamp.br/>.> Acesso em 03 maio 2011.

BECKER, Udo. **Dicionário de símbolos**. São Paulo: Paulus, 1999.

BETTELTHEIM, Bruno. **A psicanálise dos contos de fadas**. São Paulo: Paz e Terra, 2007. 21ª ed.

BEZERRA, José Vicente de Amorim. **Relatório apresentado à Assembléa Legislativa Provincial da Parahyba do Norte**. Paraíba: Typ. de José Rodrigues da Costa, 1850.

BITTERCOURT, Circe. **Livro didático e conhecimento histórico**: Uma história do saber. Tese de doutoramento, FFLCH, Universidade de São Paulo, 1993.

_____. **Autores e editores de compêndios e livros de leitura (1810-1910)**, 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ep/v30n3/a08v30n3.pdf>.> Acesso em: 02 maio 2012.

BLANCHARD, Pedro. **Thesouro de Meninos**. 5.ed. Rio de Janeiro: Typ. Seignot Plancher, 1832.

_____. _____. 6.ed. Lisboa, 1851. Disponível em: <http://www.caminhosdoromance.iel.unicamp.br/>.> Acesso em 03 maio 2011.

_____._____.Pernambuco: Typ. de Santos & Comp.,1881.

_____._____.Rio de Janeiro: Laemmert, 1902.

BLUTEAU, Raphael. **Vocabulario portuguez & latino:** aulico, anatomico, architectonico... Coimbra: Collegio das Artes da Companhia de Jesus, 1712 - 1728. 8 v. Disponível em: <<http://www.brasiliana.usp.br/en/dicionario/edicao/1>>. Acesso em 20 nov 2012.

BUESCU, Maria Leonor Carvalhão. Prefácio da Gramática da Língua Portuguesa. In: BARROS, João de. **Gramática da Língua Portuguesa.** Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 1971. *Gramática da Língua Portuguesa*

CHARTIER, Roger. **A ordem dos livros:** leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVII. Brasília, DF: UNB, 1999. 111 p.

_____. **Formas e sentido. Cultura escrita:** entre distinção e apropriação. Campinas: Mercado de Letras, 2003.

COLLECÇÃO das Decisões do Governo do Império do Brasil de 1833. Rio de Janeiro: Typographia Nacional, 1873.

COLLECÇÃO das Leis e Decretos do Imperio do Brasil, desde a feliz epoca da sua Independencia. Rio de Janeiro: Typographia de Plancher-Seignot, 1828.

COSTA, Matheus José da. Prólogo da obra **Thesouro de Meninos.** In: Blanchard, 1832.

COSTA, Matheus José da. Dedicatória da obra **Thesouro de Meninos.** In: Blanchard, 1902.

DARNTON, Robert. **A questão dos livros:** passado, presente e futuro. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

DE CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano:** 1. Artes de fazer. 17.ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Miniaurélio da língua portuguesa.** Ed. Curitiba: Posigraf, 2004. 896.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso.** 17. ed. São Paulo: Loyola, 2008.

_____. **O que é um autor?** Lisboa: Vega/ Passagens, 2002.

_____. **Vigiar e Punir.** Petrópolis: Vozes, 1987.

FRIAS, Joaquim Ignácio de. Prólogo da obra **Thesouro de Meninas.** In: Beaumont, 1846.

HALLEWELL, Laurence. **O livro no Brasil.** São Paulo: T.A. Queiroz, 1985.

HOUSSAIS, Antonio. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. 1. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. **A formação da leitura no Brasil**. São Paulo: Ática, 1998.

LARROSA, Jorge. Os Paradoxos da Repetição e a Diferença notas sobre o comentário de texto a partir de Foucault, Bakhtin e Borges. In: ABREU, Márcia (Org). **Leitura, história e história da leitura**. Campinas: Alb; Mercado de Letras e Fapesp, 1999.

LEGISLAÇÃO Brasileira do Imperio do Brazil. Rio de Janeiro: Typ. Imp. e Const. De J. Villeneuve e Comp., Tomo IV, 1844.

LIMA, Jocilene Pereira; BARBOSA, Socorro de Fátima P. **Compêndios de Gramática, de Retórica e de Poética adotados na Paraíba** João Pessoa: [s.n], 2008. Relatório de Pesquisa.

LIMA, Jocilene Pereira; BARBOSA, Socorro de Fátima P. **A moral e a virtude em História de Simão de Nantua, Tesouro de Meninos e Tesouro de Meninas**. João Pessoa: [s.n], 2009. Relatório de Pesquisa.

MACHADO, Ana Maria. Prefácio da obra **Thesouro de Meninas**. In: Beaumont, 2008.

MELLO, José Batista. **Evolução do Ensino na Paraíba**. 3. ed. João Pessoa: Conselho Estadual de Educação - SEC , 1936.

MOREL, Marco. Os Primeiros Passos da Palavra Impressa In: MARTINS, Ana Luiza LUIZA; LUCA, Tania Regina de. (Org): **História da Imprensa no Brasil**. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2012.

NEVES, Lúcia Maria Bastos P. Antídotos contra obras “ímpias e sediciosas”: censura e repressão no Brasil de 1808 a 1824. In: ABREU, Márcia (Org.) **Leitura, história e história da leitura**. Campinas: Alb; Mercado de Letras e Fapesp, 1999.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Discurso e leitura**. São Paulo: Cortez, 1988.

ROCHA, Débora Cristina Bondance. **Bibliotheca Nacional e Pública do Rio de Janeiro** – um ambiente para leitores e leituras de romance (1833-1856). Campinas, SP: [s.n.], 2011. Dissertação de Mestrado.

SENA, F. 2008 **A tradição civilidade nos Livros de Leitura no Império e na Primeira República**. João Pessoa, PB. Tese de Doutorado. UFPB, 184 p.

SILVA, Fabiana Sena da; BARBOSA, Socorro de Fátima. **Os compêndios didáticos nos relatórios da província da Paraíba**: fontes para a leitura escolar no Império. Educação Unisinos, v. 16, p. 36-47, 2012.

SOUSA, Paulino José Soares de. **Discurso de 1838**. Rio de Janeiro, 1838.

TAMBARA, Elomar, Livros de leitura nas escolas de ensino primário no século XIX no Brasil In: ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO, 26, Caxambu, 2003. Caxambu, 2003. p. 1-16. Disponível em: www.anped.org.br/reunioes/26/.../elomarantoniotambara.rtf. Acesso em: 02 maio 2012.

ZILBERMAN, Regina. **No começo, a leitura.** Disponível em: <http://emaberto.inep.gov.br/index.php/emaberto/article/viewFile/1035/937>.> Acesso em: 02 maio 2012.